ISSN 2359-053x

ANO 6 - NÚMERO 82 - AGO 2021

Xapuri SOCIOAMBIENTAL

R$ 15

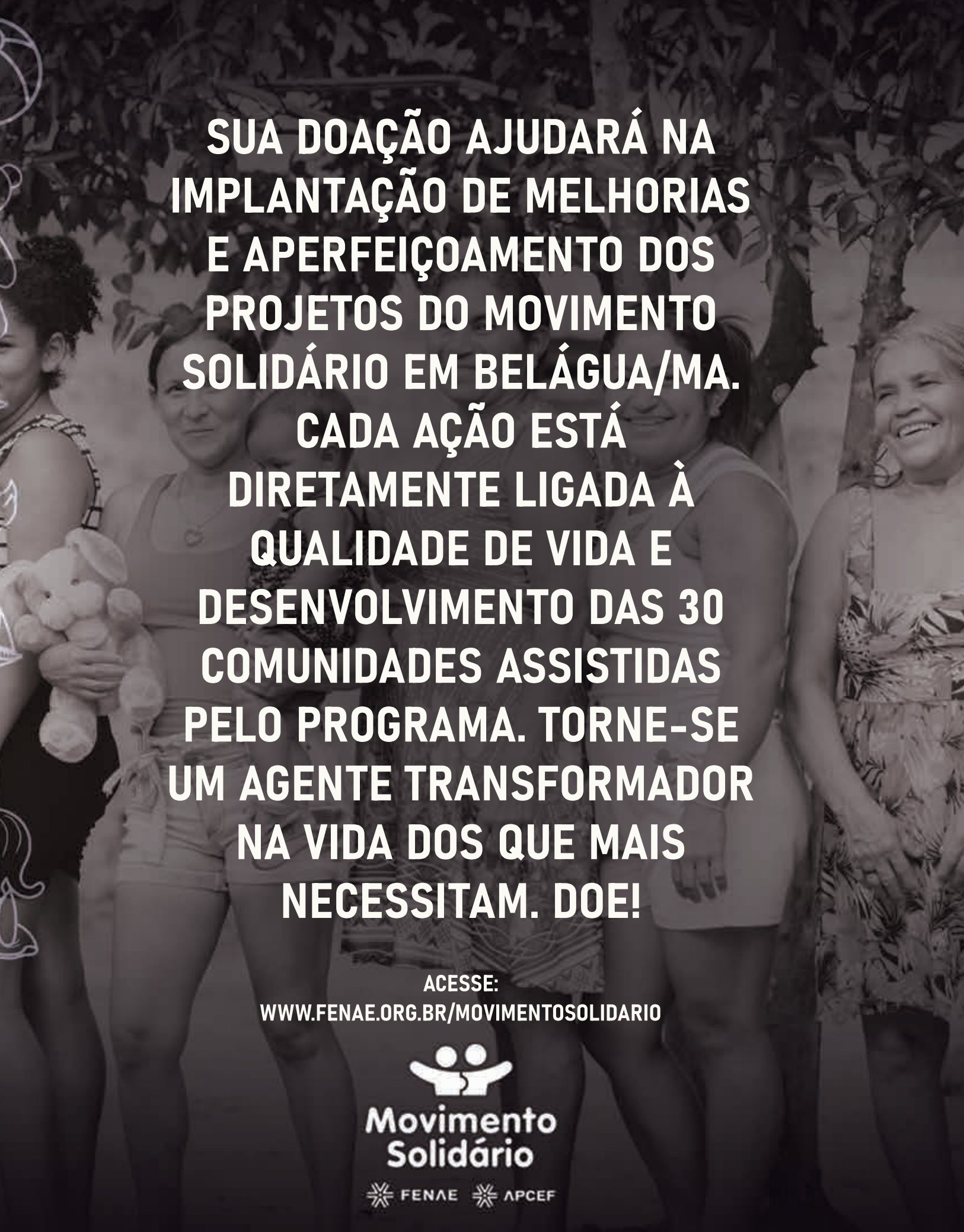
JAIME SAUTCHUK: A VIDA FOI DEZ

p. 08

DOE AGORA E AJUDE A MUDAR A REALIDADE DE CENTENAS DE PESSOAS EM BELÁGUA (MA)

APONTE A CÂMERA DO SEU CELULAR PARA O QR CODE AO LADO E DOE!

SUA DOAÇÃO FAZ TODA DIFERENÇA!


SUA DOAÇÃO AJUDARÁ NA IMPLANTAÇÃO DE MELHORIAS E APERFEIÇOAMENTO DOS PROJETOS DO MOVIMENTO SOLIDÁRIO EM BELÁGUA/MA. CADA AÇÃO ESTÁ DIRETAMENTE LIGADA À QUALIDADE DE VIDA E DESENVOLVIMENTO DAS 30 COMUNIDADES ASSISTIDAS PELO PROGRAMA. TORNE-SE UM AGENTE TRANSFORMADOR NA VIDA DOS QUE MAIS NECESSITAM. DOE!
ACESSE:
WWW.FENAE.ORG.BR/MOVIMENTOSOLIDARIO
Movimento Solidário
FENAE
APCEF

COLABORADORES/AS - AGOSTO

Ana Maria Jezzini Sautchuk (Kika) – Irmã. **Carlos Emanuel** – Filho. **Cláudia Costa Saenger** – Companheira. **João Miguel** – Filho. **Maria Rosa Manzolillo Sautchuk (Rosinha)** – Filha. **Ademilton Araújo Amador. Agamenon Torres Viana. Aldo Rebelo. Altair Sales Barbosa. Ana Paula Sabino. André Brunckhorst. Andrea Matos. Antenor Pinheiro. Antonio Carlos Campos (Bininha). Antônio Carlos Queiroz (ACQ). Armando S. Rollemberg. Conceição Freitas. Cristovam Buarque. Eduardo Meirelles. Eduardo Pereira. Eliana Lucena. Fernando Guedes. Fernando Tolentino. Graça Fleury. Helena Chagas. Iêda Leal. Iêda-Vilas Bôas. Iolanda Rocha. Ivan Bispo. Janaina Faustino. João Bosco Soares. Jorge Luiz de Souza. Joseph Weiss. Juan Pratginestos. Lídice da Mata. Lucélia Santos. Lúcia Resende. Luciana Santos. Luísa Gonçalves Soares. Moacyr de Oliveira Filho (Moa). Nicolas Behr. Palmério Dória. Rênio Quintas. Romilda Valeriano da Silva. Salomon Cytrynowicz (Samuca). Tânia Montoro. Thaís Maria Pires. Thâmar de Castro Dias. Trajano Jardim. Valderez Caetano. Zezé Weiss.**

Imagens utilizadas nesta edição: Acervos de Cláudia Costa Saenger, da família Sautchuk, da Revista Xapuri e de amigos e amigas do Jaime.

CONSELHO EDITORIAL

Jaime Sautchuk – Jornalista. **Zezé Weiss** – Jornalista. **Agamenon Torres Viana** – Sindicalista. **Ailton Krenak** – Escritor. **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Ana Paula Sabino** – Jornalista. **Andrea Matos** – Sindicalista. **Ângela Mendes** – Ambientalista. **Antenor Pinheiro** – Jornalista. **Cleiton Silva** – Sindicalista. **Elson Martins** – Jornalista. **Emir Sader** – Sociólogo. **Gomercindo Rodrigues** – Advogado. **Graça Fleury** – Socióloga. **Iêda Leal** – Educadora. **Iolanda Rocha** - Professora. **Jacy Afonso** – Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira** – Sindicalista. **Júlia Feitoza Dias** – Historiadora. **Kleitton Morais** – Sindicalista. **Kretã Kaingang** - Líder Indígena. **Lucélia Santos** – Atriz. **Maria Maria** - Cineasta. **Rosilene Corrêa Lima** – Jornalista. **Samuel Pinheiro Guimarães Neto** - Diplomata. **Trajano Jardim** – Jornalista.

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri. info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

O JAIMÊS QUE FICA EM NÓS

Jaime Sautchuk, nosso editor e mestre, nos deixou no dia 14 de julho.

Esta nossa edição 82, de agosto de 2021, é toda dedicada à memória de Jaime. São depoimentos da família, de amigos e amigas, companheiros, companheiras, camaradas. Um jeito nosso de registrar o muito que fica de Jaime em nós e em todo mundo que teve o privilégio de conviver com ele.

Durante quase sete anos, nossa companheira Lúcia Resende revisou os textos de Jaime. Essa semana, à moda de homenagem, Lúcia juntou as principais expressões dele, que acabamos por adotar como fala própria da nossa equipe aqui na Xapuri:

Bão demais da conta, bão tamém, bem na foto, bora lá, boto a mó fé, boto fé, carca porva, c´ocê, de modo que, foi pras cucuia, iguar que nem, inté, ixe, jazim, lindura, maismenin, meno male, mió de bão,

mó barato, nos conforme, nos finarmente, no grau, nóis teima, nos trinque...

O mais das veiz, ops, proceis, pros, pruns, salve, supimpa, tá que tá, tão bão, tracoisa, té parece, tocaí (a matéria, a revisão), trodia, tudireitim, um cadim, vô garrá, xá comigo; e, a mió das mió: pois, pois...

Fica em nós esse jaimês lindo e sem fim...

Gratidão, Jaime!

Zezé Weiss – Editora

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

VOVÔ JAIME
Vovô, eu te amo e gosto muito de você.
Bruno Sautchuk.

VOVÔ JAIME
Meu avô foi um homem que ajudou muitas pessoas, e eu penso nele como uma árvore, como as raízes sendo todos os trabalhos que ele fez no mundo, e as frutas sendo nós, que um dia cresceremos em uma árvore igual à dele
Miguel Sautchuk.

VOVÔ JAIME
Vovô, você é muito legal. Eu queria que você tivesse mais tempo aqui, porque eu tinha muitas perguntas pra fazer pra você. Eu queria ir junto com você para a Reserva, para você me mostrar todas as cachoeiras. Obrigado por tudo o que você fez de bom no mundo.
Vitor Sautchuk.

Revista Xapuri

Imagem do mês

@revistaxapuri

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

Xapuri SOCIOAMBIENTAL 82 AGO 21

EDIÇÃO ESPECIAL

TRIBUTO A JAIME SAUTCHUK

A VIDA FOI DEZ!

Maria Rosa, João Miguel e Carlos Emanuel

A palavra ágil e leve, mas precisa e aguda, foi sua marca. Assim foi também sua vida, um percurso irrequieto, intenso e de pleno sentido.

Jaime nasceu em Joaçaba, Santa Catarina, em 1953, filho de descendentes de imigrantes italianos, poloneses e ucranianos. Catarinense de nascimento, se tornou goiano de coração, acolhido com títulos e homenagens em três cidades de Goiás.

Coroinha quando criança, na adolescência escreveu para um jornal da escola religiosa, tomando gosto pela palavra, que se tornaria sua ferramenta de trabalho e sua arma de luta.

Após rápida passagem como bancário em Curitiba, mudou-se para Brasília, sonhando formar-se jornalista. Logo nos primeiros períodos de faculdade, conseguiu emprego no *Diário de Brasília*.

Aos 20 anos, casou-se e emigrou para Londres, num dos períodos mais duros da repressão, onde trabalhou na BBC.

De retorno ao país no final da década de 1970, passou por muitos veículos da imprensa escrita, como *Movimento, Opinião, Folha de São Paulo, Veja, O Globo, Jornal de Brasília*. Afinal, e mais tarde, *O Pasquim*.

Realizou reportagens investigativas memoráveis, do universo político aos mais diversos rincões.

Dirigiu duas emissoras de rádio da RBS em Brasília, a Alvorada-AM e Atlântida-FM, onde tiveram espaço da música caipira ao nascente rock de Brasília, além de programas como *Os Cobras da Notícia*.

Aprendeu a dedilhar a viola e a entoar canções, principalmente de Goiá, seu compositor preferido e autor de *Saudade de Minha Terra*, uma espécie de hino pessoal seu.

Integrou-se a diversos movimentos coletivos. Militou no PCdoB, participando do processo de redemocratização. Atuou no Sindicato dos Jornalistas. Foi um fiel corintiano e compôs o grupo que criou o grupo carnavalesco Pacotão.

No final da década de 1980, criou uma produtora de vídeo para apoiar a execução dos documentários que dirigiu, dentre eles: *"Planaltina, a Via Sacra Nacional", "A Marcha dos Sem Terra", "Balbina, Destruição e Morte"*, pelos quais recebeu diversos prêmios.

No final do século passado, idealizou e participou da implantação do FICA – Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental, que até hoje faz parte do calendário cultural da Cidade de Goiás (Goiás Velho).

Atuou por vários anos em organismos internacionais, como o Unicef, num programa

de capacitação de radialistas sobre crianças e adolescentes, e no Conselho Mundial da Paz. Teve contribuição também como assessor no Governo do Distrito Federal, na Câmara dos Deputados (durante a Constituinte e a CPI CBF-Nike). Trabalhou também no Ministério do Esporte, durante a gestão do ministro Agnelo Queiroz, no governo Lula.

Sua obra literária é extensa, comportando obras de ficção, como *"Mitaí"*, e obras documentais, como *"A Guerrilha do Araguaia"*, *"Albânia"*, *"A Luta Armada no Brasil"*, *"Os Descaminhos do Futebol"* e, mais recentemente, biografias como a de *"Cruls: Histórias e Andanças do Cientista Que Inspirou JK a Fazer Brasília"*, e *"O Causo eu Conto"*, sobre o escritor goiano Bernardo Élis. Dedicou-se também à poesia, inclusive no formato de cartazes.

No início dos anos 1990, foi um dos pioneiros a investir seu patrimônio para criar no Cerrado de Cristalina, em Goiás, a Reserva Particular do Patrimônio Natural Linda Serra dos Topázios – sua morada até o fim.

Com vocação científica e acadêmica, ali foram desenvolvidos desde cursos de educação ambiental até eventos de astronomia, passando pela pesquisa da biodiversidade do Cerrado, que originou o livro *"Flores e Frutos do Cerrado"*, guia de campo editado por ele, envolvendo cientistas, artistas e mestres locais. Tudo em parceria com a Universidade de Brasília (UnB) e outras instituições.

Nos últimos sete anos, foi responsável editorial e redator da revista e portal *Xapuri*, veículo independente dedicado à defesa do meio ambiente, dos direitos humanos e da democracia. Foi, também, articulista do *Portal Vermelho* e, mais recentemente, lançou seu próprio blog, *SerTão Cerratense*.

Forte em seus princípios e amplo em seus diálogos, transitou entre regueiros e comandantes do Exército, entre ruralistas e trabalhadores sem-terra.

Hábil comunicador, foi incansável na busca da verdade, na defesa do meio ambiente, dos trabalhadores, da soberania nacional, dos direitos dos povos indígenas, e das crianças e dos adolescentes.

Sua vida fluiu até o último minuto como corria sua pena – clara e precisa, qual uma flecha apontando para o valor atemporal do seu legado.

Filhos, foram três. Livros, escreveu dezesseis. Árvores, não só plantou como protegeu toda uma reserva.

Valeu demais da conta, Jaiminho. Pra você, a vida foi dez!

Maria Rosa, João Miguel e Carlos Emanuel –
Filha e filhos de Jaime

DELE RECEBI...

Maria Rosa Manzolillo Sautchuk

Dele recebi o dom da vida,
e minha graça, Maria Rosa.
Dele recebi inspiração,
minha inquietude,
minha resignação.
Com a dele se parece minha mente,
misturada com o coração.
Por ele enfrentei desolação.
Para ele seguirei firme, direitinho,
até a próxima encarnação.

Maria Rosa Manzolillo Sautchuk (Rosinha) –
Filha de Jaime Sautchuk.

ASSIM ERA O JAIME

João, Beth, Clara e Biel

Fazia ovo quente com gema mole pra aquecer os cafés da manhã na Reserva.

Quando nasceu a primeira neta, escreveu um poema e levou pra maternidade escondido no jornal do dia pra fazer surpresa.

Adorava contar as peripécias e astúcias de seus tempos de repórter.

Nas noites frias de inverno, embrulhou os pés dos filhos pequenos na coberta para ficar mais aconchegante.

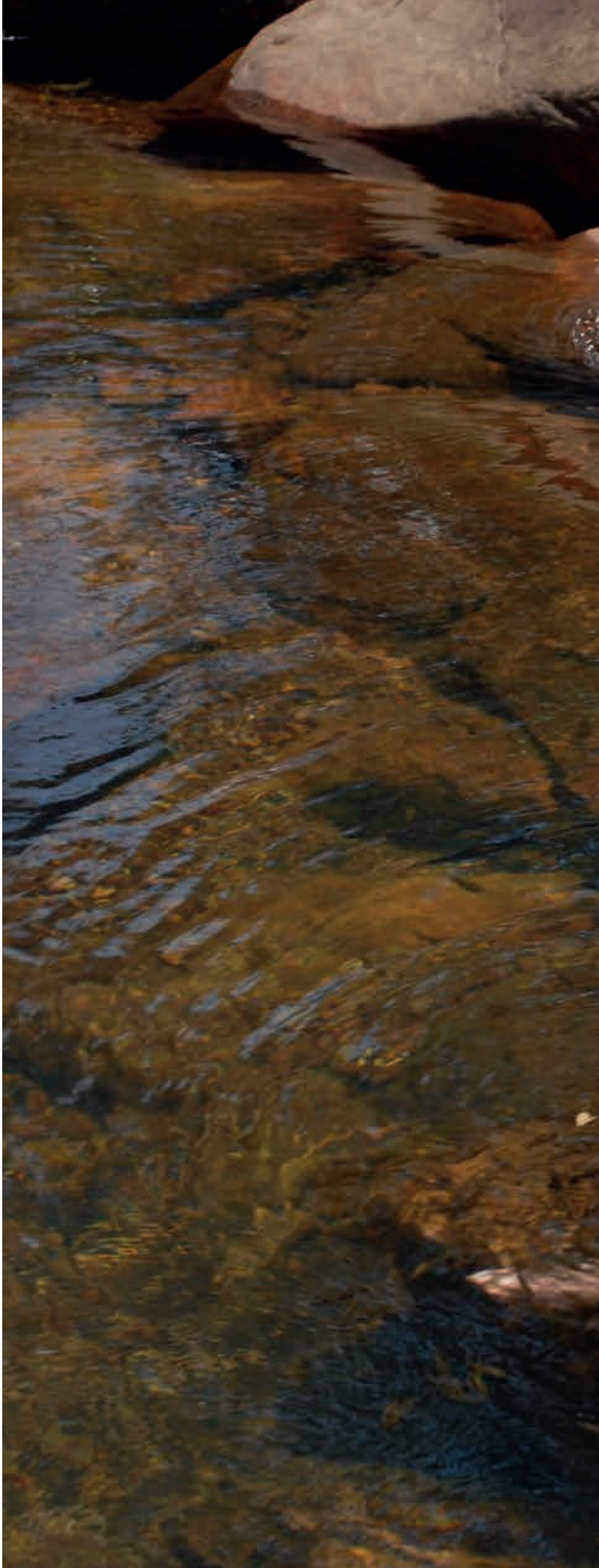
Apesar de ter uma coleção de livros muito bacana, morria de ciúmes de sua biblioteca e não emprestava de jeito nenhum (a não ser que uma neta pedisse com jeito).

Foi por décadas o churrasqueiro oficial de qualquer ocasião. Com o tempo, cansou-se da brasa e passou a usar o forno – e mesmo assim a carne ficava incrível!

Ao seu lado, sentar na beira do rio e pôr os pés na água gelada e cristalina pra dar pão velho às piabas se tornava um acontecimento memorável.

Assim era o Jaime

João, Beth, Clara e Biel –
Filho, nora, neta e neto de Jaime.



JAIME SAUTCHUK

CAFÉ
CERVEJA

UMA LINDA TRAJETÓRIA

Carlos, Sayuri, Miguel e Manu.

Foi ótimo acompanhar sua trajetória, participar dela. Aprendemos a fazer viagens-aventuras em família como essas que você preparava, estrada a fora numa Belina ao som do The Doors! Ter você em casa com a gente nesses últimos tempos foi um privilégio. Foram muitas histórias e causos. A Manu achava algo mágico ver você escrevendo dia e noite, para depois as Xapuris chegarem impressas aqui em casa. O Miguel desde os primeiros meses é um fã da Reserva. Segundo ele: "meu avô foi um homem que ajudou muitas pessoas, e eu penso nele como uma árvore. As raízes sendo todos os trabalhos e todas as coisas que ele fez no mundo, e as frutas sendo nós, que um dia cresceremos em uma árvore igual a ele".

Carlos, Sayuri, Miguel e Manu -
Filho, nora, neto e neta de Jaime.

QUERIDO IRMÃO JAIME

Ana Maria Jezzini Sautchuk (Kika)

Querido irmão Jaime: Tu fizeste a diferença neste Plano. Tua postura, teu caráter, tua dedicação às causas sociais, com certeza estão em todo lugar, auxiliando nossa evolução como seres humanos.

Ana Maria Jezzini Sautchuk (Kika) – Irmã de Jaime Sautchuk.

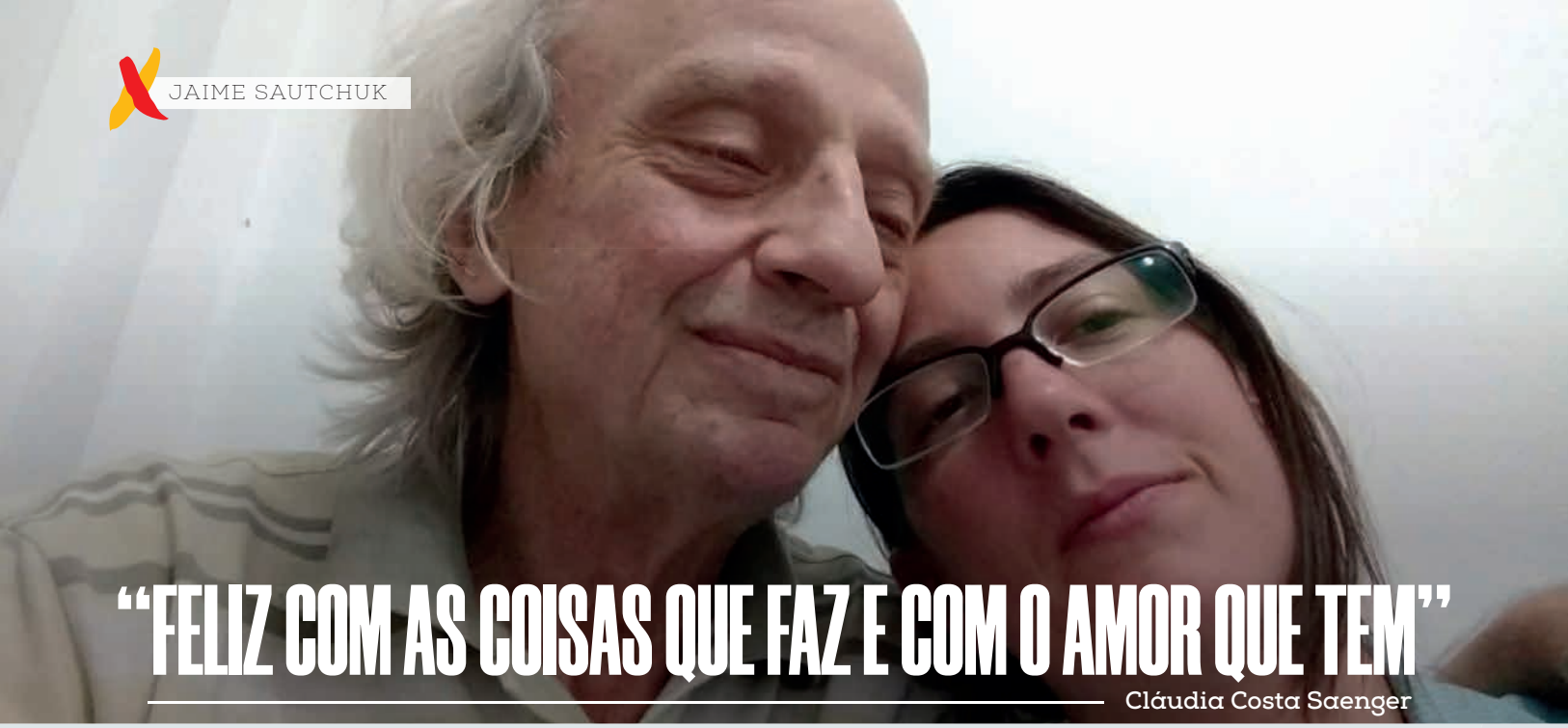
QUERIDO AMIGO JAIME

João Bosco Soares

Tive a imensa honra de conhecer Jaime Sautchuk, pessoa que aprendi a admirar, não só por sua história pessoal e profissional, mas também por sua erudição, vasta cultura, visão política e ecológica, além de ser uma pessoa de aguçado senso de humor. Sempre que ele me vem à memória, consigo ouvir o "Salve!", sua saudação da qual jamais me esquecerei! Você me faz muita falta, amigo!

João Bosco Soares – Médico, amigo e anjo da guarda de Jaime Sautchuk.

JAIME SAUTCHUK



"FELIZ COM AS COISAS QUE FAZ E COM O AMOR QUE TEM"

Cláudia Costa Saenger

Cláudia – O que te constrange?

Jaime – O que mais me constrange é pensar que estou fazendo mal a alguém. Fico doidinho querendo reparar.

Cláudia – Qual o pior sentimento humano?

Jaime – Acho que inveja, que é o contrário da solidariedade.

Cláudia – O que te excita?

Jaime – Bom, uma boa ideia me excita. Mas a carne é fraca, de modo que um ato sexual também é bom demais...

Cláudia – Como foi o seu primeiro beijo?

Jaime – Nem lembro direito... Mas, beijo mesmo, foi lá pelos 16 anos, em Curitiba, com uma namorada que achava que ia casar comigo... ksks

Cláudia – Você se arrepia com música?

Jaime – Claro!

Cláudia – Qual música te faz arrepiar?

Jaime – Um blues de Lidbeli, um canto do Gil, uma rima do Chico, um acorde de Chopin, um rasqueado do Tião Carreiro, uma batida de festa do Divino... Ou seja, música é arte, e arte me encanta... até um gol no futebol, que é arte tbém...

Cláudia – Pior porrada na vida?

Jaime – Acho que foi o nascer do meu 1º filho, quando eu tinha 22 anos (a Vera tinha 26). Sim, pior no sentido de mais forte, não de negativo.

Cláudia – Pior traquinagem?

Jaime – Traquinagem não tem pior... é sempre boa. Tem muitas, desde menino. Mas meu jeito de furtar discos em lojas de Curitiba era 10.

Cláudia – Do que se arrepende?

Jaime – De nada. Afora pequenas coisas que podem ter prejudicado pessoas, mas que foram sem querer. Mas, nas grandes coisas, nada.

Cláudia – Do que se lembra com ternura.

Jaime – Eu poderia ser um cara rico, se tivesse sido a favor da ditadura, por exemplo... mas disso sinto orgulho. [E de] um padre marista, chamado Irmão Ventura Ferreira, meu professor de história, de francês e de sociologia...

Cláudia – Palavra que te descreve?

Jaime – Amor

Cláudia – Nome do primeiro amor?

Jaime – Ana

Cláudia – Como terminou, se é que terminou?

Jaime – Era minha mãe. E morreu...

Cláudia – Pior terminar ou terminarem?

Jaime – Não vejo essa dicotomia... as coisas acontecem meio que por acaso...

Cláudia – Complete a frase: Sou um homem que...

Jaime – ... é feliz com as coisas que faz e com o amor que tem.

(...)

Cláudia – Desse jeito, vai ter que me recolher com um pano de chão (eu me dizia manteiga derretida, chorona).

Jaime – Com um canudinho.

Cláudia Costa Saenger – Companheira de Jaime. Diálogo via *skype* no ano de 2014.

Benzadeus o santo dia
que essa flor eu divisei
sutileza do Cerrado
qual cristaleira instalada
mais parecendo alogia
a mando de que não sei

Padrenosso-avemaria
tanto orar não aprendi
um amor desse quilate
de calor tão opulento
eu juro que aquele dia
olhando aos céus pedi.

Poema para Claudinha – 2018

Jaime Sautchuk gostava de escrever simples, tantas vezes mencionava o jeito "barde no cantim" de escrever (parafraseando Bariani Ortêncio). Dizia que Altair Sales Barbosa era igual nós (querendo dizer ele), simples (falou com todas as letras) e sabido das coisas (isso ele jamais teria dito de si mesmo).

Jaimim era igual ao Judiciário, eu brincava, só falava quando era provocado. Dizia que tava "tudo direitim" (mesmo não estando), parecendo que faria tornar as palavras com poder maior do que elas realmente têm. E assim era ele. Um jeito de encantar e ser encantado com e por palavras era a sua habilidade maior.

Tivemos momentos marcantes, como a estreia do livro do Cruls na Bienal. Tive a felicidade de participar de "O Causo eu Conto" e de tantos outros momentos.

Na sexta-feira (09/07), Jaime dizia que "havia muitas notícias ruins" e também que, naquela ocasião, tinha abdicado de escrever a matéria de capa da Xapuri. Isso me deixou perplexa, porque junto disso dizia que tinha sonhos vívidos da Serra do Cachimbo e outras passagens reais em sua vida. "Trodia" tinha dito de um sonho em que tinha escrito um poema muito bonito. Não soube descrever bem o sonho, mas se esmerou em recapitular. Enquanto almoçávamos, ele, do nada, soltou: "nunca mais volto ao Espinhaço!" (a serra mineira)... Eu, sem entender, perguntei o motivo. Ele: "De lá, só restou o bagaço". Se ocupava em recuperar da memória o poema do sonho que teve.

N'outros dias tinha escrito "poeminha" (palavras dele) pra me homenagear. Pra mim era poemaço. Me dizia que eu era a alma boa de *Setsuan* (citando Bretch).

Assim, Jaimíssimo (chamava ele assim no início do nosso namoro) volta como um assopro de vento em todos os instantes pra mim. Saudades eternas!

Claudinha

QUERIDO JAIME

"Jaiminho, você virou Cerrado. Que, como nós sabemos, é pura claridade".

Querido Jaime:

Te conheci numa tarde besta dessas de 1992, quando você veio me ver naquele Opalão dourado, com a Dina e seus filhos. Andou por tudo, rios, rasgos, campos, grotas e veredas dos meus 484 hectares. Foi paixão à primeira vista e não houve hesitação. Aproveitou o casório da filha do meu antigo proprietário para repassar aos noivos a charmosa casa no centro de Rio Verde – obtida com um trabalho jornalístico – e então registrar o seu nome em minha escritura.

Bendito dia! Logo logo fui rebatizada com poesia – Linda Serra dos Topázios – e me tornei para sempre uma das primeiras Reservas Particulares do Patrimônio Natural do Brasil. Coisa de visionário.

Em Cristalina, capital dos pivôs de irrigação, a civilização da soja assistiu intrigada você plantar sementes diferentes, criando uma das únicas Unidades de Conservação dessas bandas. O interflúvio entre o ribeirão Topázios e o córrego Pedra Impé vem sendo então terra fértil nesses quase trinta anos.

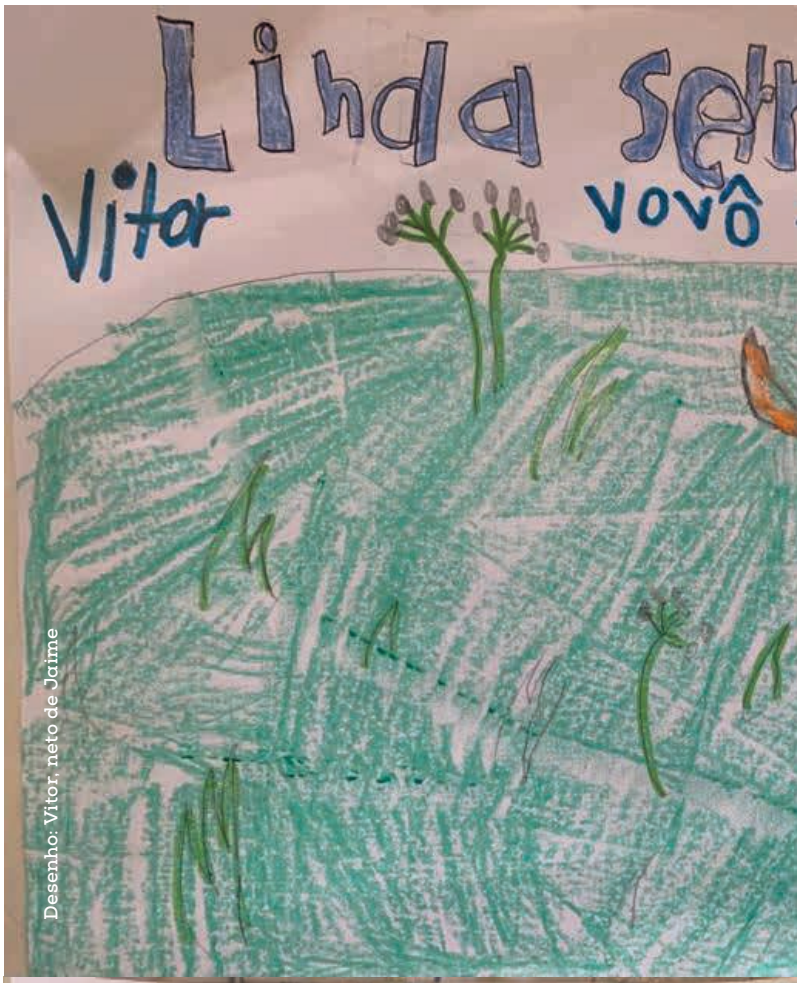
Aqui brotaram e frutificaram sonhos, encontros, cursos, pesquisas, ideias. Surgiu o guia belíssimo sobre as Flores e Frutos do Cerrado, gerações de estudantes, pesquisadores, artistas e amantes da natureza percorreram minhas trilhas, banharam-se em minhas cachoeiras e absorveram os nossos ensinamentos. Você foi a minha voz, calma, firme, sempre jeitosa com todos que por aqui passam: ambientalistas e garimpeiros, ruralistas e assentados, boêmios e esportistas, militares e artistas, políticos e andarilhos.

Há uns dez anos, você veio morar aqui, bem no cantinho, cuidando mais de perto de mim, onde só o ruído das águas incomodava, como você gostava de brincar. E eu cuidei de você, te inspirei a escrever sobre temas socioambientais e louvando o Planalto Central. Você foi então consagrado um sertanejo de verdade, de Goiás a Formosa, de Goiânia a Cristalina.

Fomos nos tornando cada vez mais íntimos, ao ponto que agora eu estou em suas palavras e você habita a essência de minhas águas, bichos e matas. Jaiminho, você virou Cerrado. Que, como nós sabemos, é pura claridade.

Eternamente sua,

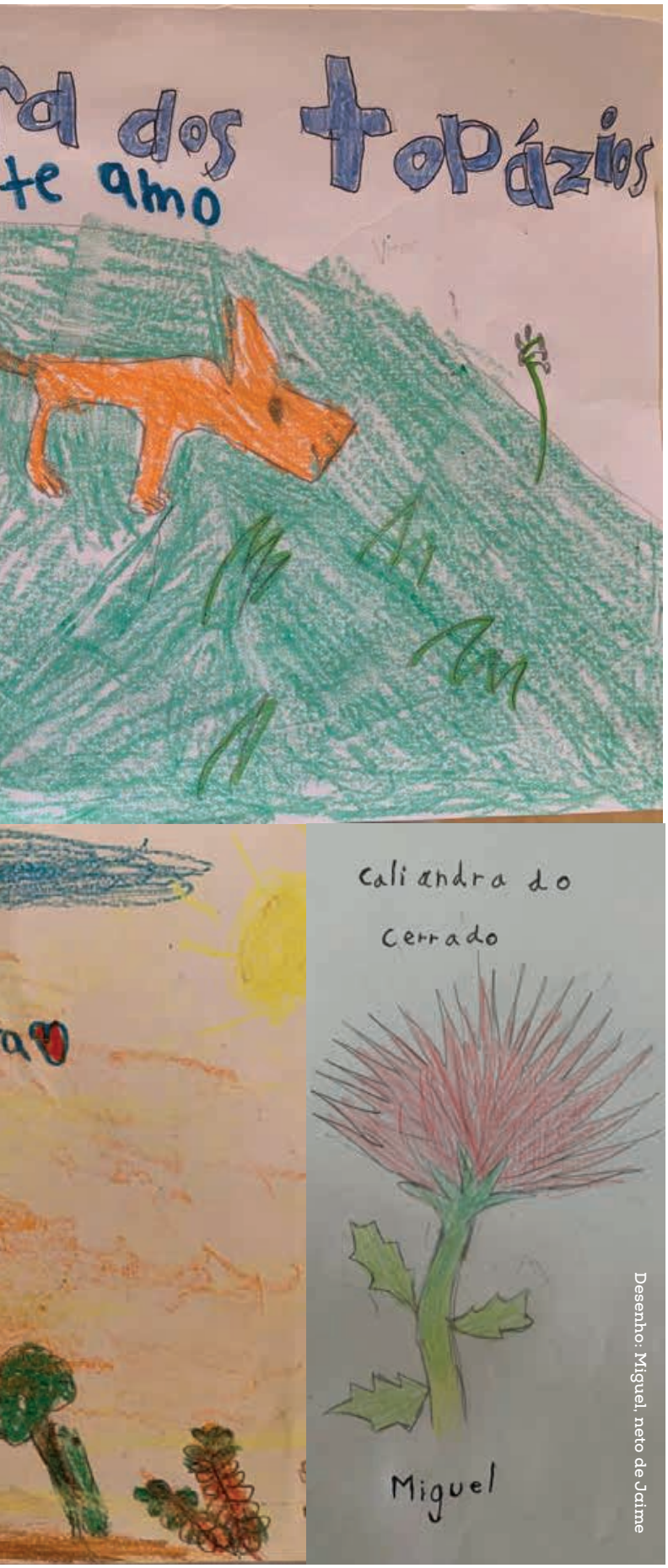
RPPN Linda Serrra dos Topázios



Desenho: Vitor, neto de Jaime

Desenho: Bruno, neto de Jaime

RPPN Linda Serra dos Topázios



Desenho: Miguel, neto de Jaime

Hoje o meu coração acordou cheio de saudades de alguém que foi muito especial pra mim e já não faz parte da minha vida.

Ademilton Araújo Amador

Como muitas pessoas de Cristalina, conheci a reserva Linda Serra dos Topázios quando menino, numa excursão da escola. Depois voltei mais vezes e continuo indo lá até hoje. A reserva traz reflexões ecológicas importantes para nós, cristalinenses. Jaime adquiriu este pedaço de terra para cuidar do Cerrado, dos rios, das pedras, das cachoeiras, do céu... em uma atitude pacífica e revolucionária no local do epicentro do agronegócio brasileiro.

André Brunckhorst

No ano de 1994, li uma matéria no Correio Braziliense falando da RPPN Linda Serra dos Topázios, localizada no meu município de Cristalina. Procurei conhecer os proprietários, a Dina e o Jaime. Me contaram dos seus sonhos e objetivos. E ali pude constatar a importância da Reserva para influenciar gerações no intuito da preservação ambiental. Aconteceram cursos, pesquisas, observação dos astros e muita visitação. Foi ótimo ver a Reserva no seu nascimento. É importante preservar o legado do Jaime para Cristalina.

Ivan Bispo

Há pessoas que se tornam tão especiais em nossas vidas, que nem a distância e nem a poeira do tempo são capazes de afastá-las de dentro da gente.

Romilda Valeriano da Silva

Xapuri
SEMPRE PRESENTE
O piar da Juriti Pepena
Narrativa Ecológica da Ocupação Humana do Cerrado

BANDEIRA BRANCA

Altair Sales Barbosa

Jaime Sautchuk não morreu, porque a vida eterna e a imortalidade andam de mão dadas, com os sábios, com os humildes e com aqueles que empunham a luta árdua pela dignidade do ser humano, sem abandonar jamais os princípios da coerência.

Também, é inadequado dizer que ele descansou. Primeiro, porque nunca demonstrou cansaço; segundo, porque era no trabalho que ele buscava a paz e a liberdade. Foi assim que, mesmo sentindo as dores de uma interminável diálise, conversou com Zezé Weiss e pediu a ela para tocar, com o entusiasmo de sempre, o projeto da Xapuri.

As pessoas extraordinárias não morrem, porque não temem a morte, cruzam com essa e nem tomam conhecimento, porque têm dentro de si a consciência do dever cumprido. As pessoas extraordinárias não morrem, elas viajam em busca de novos projetos.

Tenho quase a certeza de que Jaime está, neste momento, sentado em algum tronco de buriti, numa vereda infinita, rascunhando um novo projeto, quem sabe buscando até uma metodologia que permita ensinar os hábitos da humildade, para que as pessoas inteligentes possam usar na busca de seus ideais.

Jaime passou pelas bandas dos sertões de dentro feito um topázio puro, buscando sempre uma forma perfeita de se lapidar. Procurou cultivar a ideia e sempre dizia que esta, às vezes fraqueja, mas, de repente, pode-se tornar uma força avassaladora...

Nunca foi egoísta. Era o retrato fiel da humildade, onde estava se parecia com uma estrela brilhante, sempre rodeada de planetas e satélites, que o orbitavam na busca de algum saber. Mas a humildade era tanta, que escondia sua grandeza e sabedoria, que às vezes por um descuido escapuliam pelos cabelos já esbranquiçados.

Sempre me considerou um pesquisador, o que, para mim, foi sempre motivo de grande satisfação e júbilo. Entre tantos outros ensinamentos, aprendi com ele que a pesquisa, na realidade de uma região periférica, marginal, em relação aos grandes centros de cultura e desenvolvimento, tem que esforçar para se enquadrar nas grandes linhas da pesquisa universal, mas ao mesmo tempo, tem que assumir, com objetividade e determinação, os grandes problemas nacionais...

O pesquisador, dizia ele, numa realidade de terceiro mundo, não pode ser um cientista inteiramente desligado da problemática socioeconômica e político-cultural de sua sociedade, mas, pelo contrário, deve estar, profissional e humanamente, comprometido com a transformação da realidade circundante, ajudando a criar as condições de desenvolvimento e de crescente bem-estar do povo...

Anteontem, acordei sorrindo baixinho, após um sonho bonito que tive. Nesse sonho, me encontrava no Jalapão, num lugar repleto de capins dourados e muitas dunas. Algum aluno, que não recordo bem, estava comigo, e eu dizia para ele: – Olhe depois daquela duna, deve aflorar água, observe o tipo de vegetação.

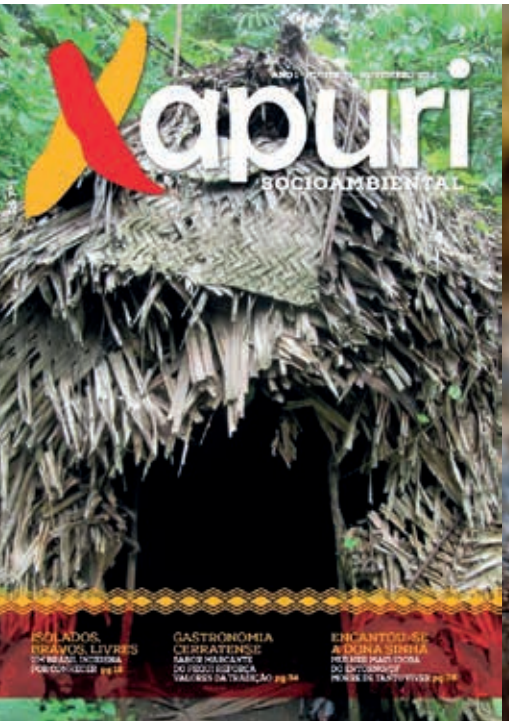
Naquele exato momento, avistamos um vaqueiro solitário, que se aproximou de nós e se identificou como Zé Maria. Em sua conversa, dizia estar vindo lá das bandas da Vereda da Felicidade e nos contou que por lá encontrou um senhor encantador que, sentado num tronco caído de buriti, rascunhava em um velho caderno grosso e de capa dura alguns traçados.

Perguntei o que era aquilo. Foi quando ele, com paciência e voz mansa, me falou: – É a trilha do saber, sempre busquei saber mais. Dito isso, o vaqueiro despediu-se de nós e continuou sua jornada.

No outro dia, quando acordei, algo no céu azulado do mês de julho me chamou a atenção. Olhei para cima e pude ver a figura de uma bandeira branca erguida bem no alto pelo povo que tinha fome.

Não tive dúvidas.

Altair Sales Barbosa



UMA REVISTA PRA CHAMAR DE NOSSA

Era novembro de 2014. Primeiro fim de semana. Plena campanha da Dilma. Fim de tarde na RPPN dele, a Linda Serra dos Topázios. Jaime e eu começamos a conversar sobre a falta que fazia termos acesso a um veículo independente e democrático de informação. Resolvemos fundar o nosso. Um espaço não comercial, de resistência. Mais um trabalho de militância, tipo voluntário.

Jaime propôs um jornal, eu uma revista. O nome eu escolhi (ele queria Bacurau). Dividimos as tarefas. A capa ficou com ele, a linha editorial também. Correr atrás da grana ficou por minha conta. A paleta de cores, depois de larga prosa, ele escolheu (eu queria verde-floresta). Fizemos a primeira edição da Xapuri lá mesmo, na Reserva, praticamente em uma noite. Já voltei pra Brasília com a boneca praticamente pronta e com a missão de dar um jeito de imprimir.

Nos dias seguintes, o Jaime veio pra Formosa, pra convencer minha irmã Lúcia a revisar a revista, de grátis. A próxima tarefa foi montar o Conselho Editorial. Jaime fez questão de visitar, explicar o projeto e convidar cada conselheiro/a pessoalmente (até a doença agravar, nos últimos meses, nunca abriu mão dessa tarefa). Daqui rumamos pra Goiânia, para convidar o arqueólogo Altair Sales Barbosa, nosso primeiro conselheiro.

O resto é história. Trilhamos uma linda jornada. Em 80 meses, Jaime fez questão de decidir, mensamente, o tema da capa e, quase sempre, escrever ele mesmo. Na sexta-feira, 9 de julho, quando preparávamos a Xapuri 81, pela primeira vez em sete anos, ele me pediu para cuidar de tudo. Foi uma conversa triste, ele estava agoniado com os rumos da doença e com a tragédia que o Brasil enfrenta. Não falamos em morte, mas eu sabia que era o fim.

Zezé Weiss

Foi-se o Jaimim. De repente, na fria tarde de 14 de julho, ele viajou pra outras bandas. Pudesse falar ali, naquela hora, por certo teria dito: bora lá!

Nossa história começou em novembro de 2014, quando em minha casa ele chegou com a Zezé Weiss, já com a primeira edição da revista Xapuri prontinha, em busca de uma revisora. Ali mesmo aderi voluntariamente ao projeto, e dali por diante seguimos tocando a Xapuri, sem apartação.

Logo vi, pra além do nome importante, o camarada que se irmana com tanta gente que sofre, o idealizador que bota a arte a serviço da gente toda, o guerreiro que se posta à frente nas batalhas em defesa do Cerrado, da Amazônia e do meio ambiente, o gigante na luta pela justiça social e pelos direitos humanos, o amigo terno e sempre presente.

Oitenta e dois meses depois, não sei direito ainda como tocar isso, como fazer sem o seu texto, sem aquela pegada de humor tão sagaz, sem a nova informação, o novo questionamento, sempre presentes no seu texto escorreito, de linguagem fácil, como um pão que se reparte para dar a melhor parte. Não sei ainda como abrir a boneca da Xapuri sem a matéria de capa dele para a costumeira revisão inócua que, também por isso, me fez aprender tanto. Mas seguiremos carcando porva, e há de ficar tudo direitim.

Salve sempre, CAMARADA!

Lúcia Resende

Gratidão, Jaime! Você nos deixa um grande exemplo de luta e persistência. Você nos deixa ternura, afeto e saudade .

Agamenon Torres Viana

Cheguei na Xapuri ontem, e aqui encontro você, companheiro imprescindível na defesa do Cerrado e da Amazônia. Camarada incansável na defesa da Democracia. Que privilégio o meu!

Ana Paula Sabino

Companheiro, quantas histórias acumuladas em nossas *Lives*. Agora, você está no Oceano dos Encantados. Oceano que você nos brindou tão brilhantemente celebrando a década dos oceanos, colocando a Xapuri Socioambiental, a sua filha, no apogeu da conjuntura brasileira.

Andrea Matos

Você é exemplo pra mim e para as novas gerações do jornalismo. Você combateu o bom combate e agora é luz. Seu legado vive em nós.

Eduardo Meirelles

Jaime, você sempre foi um ser diferenciado neste mundo. Qualquer pessoa que tivesse uma terra incrível, uma área com um rio todo azul e cascatas belíssimas, certamente teria vendido e ficado milionário. Você, Jaime, não. Você optou por viver de forma humilde, transformando todo aquele paraíso em uma incrível reserva ecológica, mantendo quase 500 hectares de Cerrado nativo na sua forma mais plena. Você, Jaime, não era bobo não. Você sabia o que é ser rico de verdade!

Eduardo Pereira

Jaime, você foi dez!

Iêda Leal

Jaime, penso em você e nos versos de Cora Coralina: "Nada do que fazemos é importante se não tocarmos o coração das pessoas". Você não imagina como tocou nossos corações!

Iolanda Rocha

Poxa, Jaime, toda vez que eu ligava, você dizia que tava tudireitim, mesmo quando andava internado nas UTIs da vida. Dessa vez, eu achei que ia ser igual, que do nada ia chegar a matéria de capa da X82 e que você ia ligar para saber se ia rolar uma *Live*... Jaime, querido, você nos deixou sem chão!

Janaina Faustino

Jaime, sua partida me deixou muito triste. Não somente por seus muitos livros e artigos, ou por seus escritos na Revista Xapuri, que eu lia todo mês, mas principalmente porque perco um amigo gentil e bom de prosa.

Joseph Weiss

Jaime, em sua homenagem, plantei no meu quintal um abacateiro!

Lucélia Santos

Um escritor que sempre soube a força da palavra, e as usou em seu texto simples e arguto. Perdemos um pouco da memória dos fatos e um grande parceiro de resistência e luta.

Thaís Maria Pires

PERSISTÊNCIA E ESTRATÉGIA DE LUTA DO SINDICATO GARANTEM PRIORIZAÇÃO DA VACINA

Kleytton Morais e Fabiana Uehara

A luta dos bancários e bancárias em defesa da saúde e da vida tem sido uma via crucis ao longo de quase um ano e meio dessa pandemia do novo coronavírus. A categoria, a partir do Sindicato, se mobiliza e garante a implementação de ações fundamentais de proteção, por meio de protocolos sanitários que reduzem eventos ou recorrências de situações de risco a todos trabalhadores em bancos, clientes e usuários.

Sem jamais acreditar no bom senso dos banqueiros, mantivemo-nos atentos e denunciamos o ATAQUE ao emprego e aos salários. As ações permitiram que assegurássemos em mesa o compromisso de não demissão imotivada ou descomissionamentos. Combatemos a imposição de realização de visitas a clientes, a tentativa de flexibilização de protocolos, cobramos a testagem de todos os trabalhadores e a sanitização efetiva das unidades suspeitas ou confirmadas de contaminação. Ainda, exigimos o fim da inércia dos banqueiros em relação à atuação – seja no Parlamento, ou no Executivo – para priorização da vacina aos bancários.

A atuação firme e decisiva das direções sindicais, articuladas no plano local e nacional, reforçou que aqui no DF retirássemos do governador Ibaneis Rocha o compromisso de inclusão dos trabalhadores do sistema financeiro no DF na priorização da vacina.

Concomitante à agenda local, o Comando Nacional dos Bancários, em audiência com o Ministro Marcelo Queiroga,

entrega ofício circunstanciado por relatório médico em que se atesta a situação epidemiológica da categoria bancária e, assim, requer a inclusão dos bancários no Plano Nacional de Imunização contra a Covid-19.

Todavia, quando tudo parece se ajustar de maneira a corrigir a injustiça para com a categoria que, no âmbito da pandemia, foi decretada como de serviço essencial, atua e está exposta na linha de frente durante todo o período, o gosto da vitória aqui no DF é postergado num capítulo mal-informado, em que o GDF, sem explicações formais ao Sindicato, diante de recomendações do Ministério Público, descumpre o compromisso com o Sindicato para a vacinação da categoria.

Nesse impasse, e diante da continuidade dos graves riscos à vida dos trabalhadores e clientes, o SINDICATO sobe o tom da denúncia e convoca a categoria a fortalecer a LUTA. Assembleias, plenárias, audiências, paralisações e atos são intensificados. A opinião pública, sensibilizada em favor do pleito dos bancários, apoia e aplaude, em sentido literal, as ações realizadas pelo Sindicato nas agências. Rodovias, redes sociais, parlamentos, pressão nos bancos e intensa mobilização da categoria se transformam em palco da luta pela vida.

Entendendo que a situação da categoria bancária é a mesma em todo o país e que, igualmente a nós, outras categorias decretadas essenciais estão na linha de frente atuando e por isso expostas ao vírus; também pelo fato de estarmos numa condição privilegiada que possibilita ao Sindicato dos Bancários de Brasília atuar diretamente sobre as estruturas do governo federal e bancos oficiais, propusemos e realizamos ato unificado dos Bancários, Ecetistas e Comerciários no memorável 6 de Julho, na frente do Ministério da Saúde, para reivindicar a inclusão das três categorias na priorização da vacina e, assim, construir uma solução para o impasse que fosse de amplitude nacional.

A PERSISTÊNCIA DA LUTA foi coroada com o ato extremamente exitoso no Ministério, onde, em audiência pública, as lideranças sindicais, diante do Ministro da Saúde, presidentes do BB, CEF e FEBRABAN e Correios, conquistamos a inclusão dos Bancários, demais trabalhadores em bancos e Ecetistas na priorização da vacina contra a Covid-19. Asseguramos, também, o compromisso do Ministério em apreciar a inclusão dos comerciários que atuam em supermercados e farmácias na prioridade da vacinação.

LEITURAS DA AUDIÊNCIA: PG, SE LIGUE, A EMPATIA É A SERVENTIA DA CASA!

A inusitada agenda com o ministro e o pronunciamento da inclusão da categoria bancária no PNI/PNO também teve suas perplexidades. Quer saber? Então vamos lá!

Dos pronunciamentos dos presidentes do BB e da CEF, pudemos observar o quão opostas foram as falas. Enquanto o que se observou na fala do presidente Fausto Ribeiro, do BB, manifestações eivadas de respeito, responsabilidade e empatia em relação aos familiares das vítimas da Covid entre os funcionários do BB, não se viu isso na conduta do presidente da CEF. Pedro Guimarães, o eterno viajandão, se esqueceu de onde estava e por que estava: em vez de se desculpar pela omissão e negacionismo que vitimaram centenas de trabalhadores da CEF, preferiu fazer do evento palanque eleitoral pro seu patrãoCida.

Num pronunciamento demorado, que inclusive retirou a oportunidade de fala prevista às lideranças sindicais, conforme acordo com o cerimonial do ministério, Pedro, no arroubo narcísico contumaz, mais se preocupou em falar das suas viagens pelo país e em elogiar o presidente Bolsonaro.

A compulsão pela autopromoção do presidente da Caixa, Pedro Guimarães, vai longe demais. Tanto que praticamente se colocou como responsável pela inclusão da priorização da vacinação dos bancários. A postura correta seria ressentir-se com as famílias dos empregados Caixa pelas vítimas da Covid e envidar todos os esforços para instituir protocolos rígidos de segurança e combate à Covid para todos que estejam dentro da estrutura do banc o. Mas nem tudo foi perdido na sua fala; diante das câmeras, do ministro, dos presidentes de instituições e inclusive das direções sindicais, reconheceu a atuação decisiva do movimento sindical na inclusão da categoria bancária no PNO.

Pedro Guimarães teve de admitir que "essa é uma vitória do diálogo e da conversa, por que essa decisão de hoje é uma decisão construída; o Sindicato participou, eu acho que é importante".

Que bom que ele reconhece isso. Porque nós temos toda certeza de que a vitória da inclusão dos Bancários nacionalmente no Plano Nacional da Operacionalização da Vacina só foi possível pela luta do Sindicato e das demais entidades do movimento sindical, assegurando o desfazimento da injustiça a que esses trabalhadores estão submetidos, que resultou em adoecimento e inclusive centenas de perdas de vida. Fato é que não houve conversa fácil como vossa senhoria, disse em seu pronunciamento, mas sim resultado de muita luta, articulações, intensa mobilização e compromissada determinação de proteger os trabalhadores, clientes e usuários.

Por essas, ao que tudo indica, e parece que restou mesmo evidenciado, a empatia e o afeto deveriam estar nas palavras de um presidente que tanto propaga que valoriza e reconhece os empregados.

Por fim, ficamos com as palavras do ministro Queiroga: "Sopesar aqueles que correm mais riscos, aqueles que se beneficiam das políticas públicas". Eis o sentido da nossa busca ao persistirmos na luta pela vacinação já.

BANCÁRIOS DF
SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE BRASÍLIA

Fabiana Uehara - diretora do Sindicato dos Bancários de Brasília e Coordenadora da CEE/CAIXA.

Kleytton Morais - Líder Sindical. Presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília.

MOVIMENTO

Da minha longa e animada convivência com o Jaime Sautchuk, cito dois episódios relevantes:

Ainda sob censura prévia, a edição 132 do jornal *Movimento*, de 9 de janeiro de 1978, deu na capa um retrato crispado do candidato do general Geisel à sucessão presidencial, João Baptista de Oliveira Figueiredo. Debuxado e debochado pelo genial Jaime Leão, o semblante, acompanhado da manchete "Por que Figueiredo?", repercutia o anúncio da candidatura naquela semana.

Para esquentar as vendas, o *Movimento* mandou 500 cartazes com a figura para Brasília. Cabia a mim, chefe do departamento de vendas da sucursal, providenciar a colagem do material onde fosse possível. Como o Sautchuk assinava a matéria de abertura da edição, achei natural convidá-lo para me ajudar. Topou sem titubeio.

No começo da noite daquela mesma segunda-feira, fui para a sua casa cozinhar três baldes de grude de polvilho de mandioca. Lotamos o carro dele com a cola, os pincéis e os cartazes, e viramos a noite atacando cada parede, muro e ponto de ônibus mais chamativo que encontrávamos pela frente, na Asa Sul, Setor Comercial Sul, Conic, imediações da Rodoviária, parte da Asa Norte, incluindo as entradas da UnB. Anos depois a gente ainda topava a cara de cavalo do Figueiredo nos ameaçando.

Na campanha de 1982, o Jaime encomendou um enorme retrato de três metros por dois em alto contraste do nosso candidato a deputado federal por Goiás, o Aldo Arantes. Como eu era o magricela da turma, ele me pediu para trepar numa escada de 12 metros, quatro andares de altura, sem equipamento de segurança, com o cu na mão, para colar o cartaz na fachada do Edifício Alvorada, Setor Comercial Sul. Durante anos o dazibao ficou visível de longe para quem vinha da Rodoviária em direção à Asa Sul.

Antônio Carlos Queiroz – ACQ

DUROU POUCO

Jaime Sautchuk, em 1982 ou 1983. Eu era uma foca no Diário da Manhã, e ele era o chefe da redação. Durou pouco, mas aprendi muito com ele.

Helena Chagas

MEMORÁVEIS EMBATES

Fomos por vezes aliados, por vezes adversários, mas sempre amigos, seja no Sindicato dos Jornalistas, na FENAJ, na CUT, no Clube da Imprensa, na organização dos desfiles do Pacotão ou no âmbito da política partidária.

Compartilhamos campanhas emocionantes e tivemos memoráveis embates! Quem conheceu Jaime Sautchuk sabe que ele era um cara responsável, competente, engajado, abnegado, combativo... em tudo o que fazia! Tiro o chapéu para ele, ao fazer-lhe este merecido elogio!

Não bastassem a militância exemplar e sua expressiva produção jornalística/literária, cabe ainda destacar a criação do refúgio ecológico Linda Serra dos Topázios, em Cristalina. Decerto, uma ideia maravilhosa!

Como se vê, Sautchuk deixou vivo um lastro de boas recordações... sem dúvida!

Armando S. Rollemberg

ALMA NOBRE

Conheci Jaime Sautchuk nos anos 70, quando seu talento de jovem e brilhante jornalista ilustrava as páginas do jornal Movimento, sob a liderança do grande Raimundo Rodrigues Pereira. Eu era estudante de Direito da Universidade Federal de Alagoas e representava o jornal no Estado.

Jaime conduziu sua vida com a generosidade das almas nobres, defendeu a democracia e ultimamente lutava pela justa preservação das causas da natureza, principalmente do Cerrado, onde escolheu viver e passar seus últimos dias.

Sentiu muito a falta de sua companheira Baiana, militante aguerrida, que conheci no movimento estudantil. Jaime deixa familiares, amigos e admiradores que cultuarão com saudade a sua memória.

Aldo Rebelo

JAIMITO e JUANITO

Não lembro como conheci o Jaime Sautchuk. Nos tratávamos por Jaimito e Juanito. No caminho, percorremos desde campanhas políticas e pautas ambientais a viagens de todo tipo. Ora concordávamos, ora não, prevalecia a amizade e o respeito mútuo. Foi daqueles amigos que entraram na vida da gente há muito tempo e ficam para sempre.

Juan Pratginestos

UM MARCO EM MINHA VIDA

Morreu o jornalista Jaime Sautchuk, profissional de destaque na luta contra a ditadura. Em 1978 publicou junto comigo, Sergio Buarque e Vincent Carelli uma revista com reportagens sobre a Guerrilha do Araguaia. Mais um bravo colega e amigo que se vai no momento em que tentam instalar no país uma ditadura pior do que aquela. Trabalhar com Jaime Sautchuk foi um marco em minha vida. Lançar o livro-reportagem em Brasília, onde vivia, um tapa na cara dos facínoras.

Palmério Dória

JAIME NÃO MORREU

Alguém já disse que o Jaime Sautchuk não morreu; ficou encantado. De fato, sua imensa obra literária e as ideias que semeou nas lutas de seu tempo – contra a ditadura e as desigualdades, pela redemocratização do país e pela preservação da Amazônia e do Cerrado, entre muitas outras – constituem um legado às atuais e futuras gerações que querem um País melhor e mais igualitário.

Conheci o Jaime no fim dos anos 70 em Brasília e, no começo dos anos 80, trabalhei com ele nas sucursais do *Diário da Manhã* (jornal de Goiânia) e da *Folha de São Paulo*.

Tempos em que a repressão ainda corria solta, mas encontravam nele o repórter, editor e escritor destemido que sempre foi, com seu olhar arguto e prospectivo, sempre focado nas causas mais importantes de seu povo.

Homem de esquerda e intelectual de ação, Jaime Sautchuk foi um cara que pensou e amou o Brasil no seu sentido mais profundo e radical.

Hoje, consternado com a recente partida desse grande companheiro, e diante da grave situação política em que o atual desgoverno meteu o nosso País, fico imaginando o Jaime, lá onde estiver em seu "encantamento", fazendo autoplágio do verso final no poema-cartão "De que Viver?" e declamando com a voz entre irônica e indignada:

– E os negacionistas, de que morrem? De *Fake News* e desgraça alheia, os desgraçados!

Antonio Carlos Campos (Bininha)

MINHA REVELADA SUBVERSÃO

Na sua juventude literária, o jovem Jaime Sautchuk de 1979, ano da Anistia, em parceria com os não menos bons Horácio de Carvalho e Sérgio Gusmão, oportunizava ao Brasil real a leitura do livro que denunciava as garras dos *ianques* sobre a Amazônia brasileira por meio de um arranjo intervencionista de graves consequências ao meio ambiente e à soberania nacional: *Projeto Jari, a Invasão Americana*, era o título do livro-reportagem-denúncia.

Era 1980, terceiro semestre na faculdade de jornalismo, e de suas cálidas insurgentes páginas tornei-me subversivo. Uma fabulosa revolta surgiu no pensamento do jovem estudante universitário, nascido e criado em família udenista, cuja infância e adolescência nas décadas de 1960-70 transcorreram distantes da nefasta realidade ditatorial a que estava submetida a nação brasileira. Foi o suficiente para incandescer o meu mundo, ou melhor, o meu jeito de enxergar o mundo e suas implicâncias no contexto da economia política nacional praticada pelo regime militar em favor das grandes corporações do capital internacional.

Sautchuk não tinha a menor ideia do bem que fizera ao lançar luzes no caminho daquele estudante alienado, até irromper a porteira do meu recanto, em almoço intermediado por um amigo comum, há 34 anos da incendiária leitura que me projetou ao *front* da resistência às maledicências oficiais de estados degenerados. Nem eu imaginaria que tantos anos depois conheceria, em pessoa, a singela e franzina figura que me revelou a doce subversão, tão necessária aos que insurgem contra tiranias avassaladoras.

Ao conhecer a história do "monstro" que criara, surpreso, abriu-me aquele branquelo sorriso catarinense contido por bochechas vermelhas protegidas pelo infalível chapéu de explorador de biomas. Como não desperdiçava palavras, lançou-me tantos mais verbos úteis, carregados de humanidade, quase em humilde e contumaz silêncio metódico, como que a me remeter ao axioma fundante das lutas da vida, encontrado *en passant* no célebre filme *Cruzada* (2005): "que homem é o homem que não torna o mundo melhor?".

As flores de pedra plantadas por Sautchuk em meus domínios, resultantes do festivo encontro entre escritas subversivas e palavras ditas de 2013, são agora a sua verve inconfundível e a saudade eterna que encantam sua importância no contexto da minha história de vida, o mesmo em que filhos e netos aprendem o que com ele aprendi.

Obrigado, Sautchuk, meu subversivo amigo Jaime Sautchuk!

Antenor Pinheiro

REFORMA ADMINISTRATIVA FAZ PARTE DO PROJETO DE BOLSONARO DE DESTRUIR O PAÍS. E POR ISSO PRECISA SER BARRADA

Cleiton dos Santos

A reforma administrativa que o governo Bolsonaro pretende impor ao país por intermédio da Proposta de Emenda Complementar (PEC) 32 não atinge apenas os servidores públicos. Se aprovada, ela vai sucatear os serviços públicos, como saúde e educação, e deteriorar o atendimento a toda a população.

As principais medidas previstas pela PEC 32 são as seguintes:

• Acaba com concursos para o setor público. Isso significa que haverá menos servidores para o atendimento das pessoas, prejudicando a qualidade dos serviços públicos num momento em que a população mais precisa.

• Acaba com a estabilidade dos servidores. Ou seja, os trabalhadores podem ser perseguidos e demitidos a bel prazer das chefias, favorecendo a contratação de pessoas para atender interesse do governante de plantão e não da sociedade.

• Transfere atividades públicas para a iniciativa privada. Serviços públicos básicos como a saúde ficarão nas mãos da iniciativa privada, com custos repassados à população. É um escárnio, neste momento em que o SUS mostra a sua importância durante a pandemia.

• Dá poderes ao presidente da República para reorganizar o funcionamento do Estado, sem discussão com a sociedade ou com o Congresso.

• E não combate os altos salários. A PEC 32 não mexe com os chamados cargos de Estado – militares, juízes, desembargadores, diplomatas, que são os privilegiados.

A reforma administrativa vai atingir também os bancos públicos, que são ferramentas estratégicas de indução de políticas econômicas e de desenvolvimento, ignoradas pelo governo Bolsonaro. Assim ele atinge o propósito de igualar os bancos públicos aos privados para, depois, privatizá-los.

O governo alega que é preciso fazer a reforma administrativa para solucionar a questão fiscal e assim retomar o crescimento da economia. É o mesmo discurso falso que justificou a imposição do teto de gastos, da reforma trabalhista e da reforma da previdência.

Nenhuma dessas reformas contribuiu para gerar empregos e impulsionar o crescimento e o desenvolvimento do país. Pelo contrário, as reformas só retiraram direitos dos trabalhadores, rebaixaram salários, precarizaram as relações de trabalho, produziram 15 milhões de desempregados e 30 milhões subempregados, devolvendo 25 milhões de brasileiros à situação de fome. O PIB encolhe e a inflação explode.

A reforma administrativa, na verdade, faz parte do mesmo projeto de destruição do país perseguido pelo governo Bolsonaro. Um governo obscurantista que já provocou quase 600 mil mortes por se recusar a combater a pandemia de Covid-19. Que incentiva a devastação do meio ambiente e procura aniquilar a educação, a cultura e as políticas de direitos humanos. Que transfere recursos públicos para o mercado e entrega a soberania nacional. E que avança em seu esforço de destruir as instituições democráticas, em busca de um golpe.

Motivo de chacota e pária mundial, Bolsonaro acumula denúncias por genocídio e crimes contra a humanidade apresentadas perante ao Tribunal Penal Internacional, a última delas elaborada por uma equipe de advogados indígenas.

Portanto, a reforma administrativa não é uma questão corporativa do funcionalismo público. Impedir sua aprovação é tarefa de todos nós e de toda a sociedade brasileira.

FETEC CUT Centro Norte

Cleiton dos Santos – Presidente da Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN)

JAIME SAUTCHUK

MODÉSTIA

Nenhuma palavra resume o caráter de uma pessoa. Mas é possível escolher aquela que mais simboliza sua maneira de ser e agir no mundo. Para Jaime Sautchuk esta palavra é modéstia. A capacidade de fazer sem precisar aparecer como autor.

Ele tinha a simplicidade que lhe permitia lutar e desempenhar papéis decisivos, sem precisar mostrar que estava na trincheira.

Com esta maneira discreta, conseguiu ser um jornalista competente e respeitado, um militante ativo e um pioneiro na consolidação da ideia e na realização do movimento pelo desenvolvimento sustentável, além de exercer na prática a atividade de ecologista.

Em sua geração, Jaime esteve adiante da maioria no respeito à natureza e na crítica à civilização industrial. Para ele, a barbárie estava na exploração do homem pelo homem, mas também na depredação da natureza pelo conjunto dos seres humanos.

Nesta concepção e luta ele fez amigos e aliados aos quais cabe agora a responsabilidade de carregar a bandeira que ele portou por quarenta anos. Com toda sua modéstia, Jaime vive em nós e naqueles que vierem depois.

Cristovam Buarque

UM SER HUMANO APAIXONADO

Jaime Sautchuk era um ser humano apaixonado, um homem de convicções! Amava a humanidade, o humanismo, a natureza e o Cerrado. Reverenciava nossos irmãos indígenas, acreditava nas pessoas!

Construiu uma história de vida de integridade e coerência política! Leal com amigos, era grande e permanente parceiro. Tive o privilégio de assinar algumas trilhas de vídeos idealizados por ele. Jaime fará muita falta nesse momento de homens áridos, rasos e, em última análise, vazios!

Segue em paz, querido amigo, em sua nova jornada cósmica, navegando nas estrelas que você adorava olhar nas noites suas do seu Brasil profundo!

Rênio Quintas

LÁ SE VAI UM GIGANTE

Lá se vai um gigante. Um grande jornalista nacional e internacional, compromissado com a verdade dos fatos. Defensor intransigente do meio ambiente. Lutador da causa da liberdade, da Democracia, da soberania dos povos e da igualdade das pessoas. Numa hora de obscurantismo e ameaça autoritária, sofremos uma perda significativa nas hostes progressistas e democráticas. Eu perco um grande e carinhoso amigo. Presente na minha vida há 40 anos. Sempre muito presente. Vai ser difícil conviver com mais essa ausência.

Thâmar de Castro Dias

NESSE MUNDO DE MEU DEUS

Quando eu soube da morte do Jayme, a primeira coisa que vi foi o sorriso – entre delicado, tímido e irônico. Nesse mundo de meu deus, o Jaime me socorreu quando eu estava com o pé no abismo. Trabalhávamos na *Folha de São Paulo*, ele já rvepórter consagrado, e eu não conseguia me adaptar às regras da casa, estava numa depressão enorme, então ele me dizia:

"Faz do seu jeito, o seu olhar é só seu, a pauta você é quem cria". Falava baixinho, abria espaços entre as palavras, entre as sílabas, como se o silêncio fosse parte fundante de seus ensinamentos. Muito tempo depois, nos reencontramos na banquinha da 308, botina, jaqueta, chapéu de abas curtas, seus livros, a Xapuri e o mesmo sorriso – tímido, mas irônico.

Quando um bandido invadiu o santuário em Cristalina, fiquei apavorada com o relato que ele fez: o Jaime teve a presença de espírito, a paciência e a sabedoria de, debaixo de uma coberta, com um toco de pau apontado pra cabeça dele, negociar com o cara, de dizer que, se o matasse, podia ser pior pra ele, um homicídio só ia dificultar as coisas. Era melhor o bandido ir embora tranquilo.

Jaime parecia saber de tudo, mas dizia só o suficiente. E tinha uma tristeza funda de quem sabe que sabe e sabe que saber não faz tanta diferença assim nesse mundo de meu deus.

Conceição Freitas

PARA UMA GERAÇÃO DE JORNALISTAS...

Para uma geração de jornalistas, desembarcar no começo dos anos 70 na Amazônia para cumprir pautas que denunciavam os efeitos da corrida desenfreada para a região, sob a bandeira do desenvolvimento a qualquer preço, marcou para sempre as nossas vidas.

Junto com as máquinas que abriam estradas traçadas nos gabinetes de Brasília, as cicatrizes começavam a aparecer, não apenas na floresta derrubada, mas na vida dos povos tradicionais: indígenas, ribeirinhos, pequenos agricultores, seringueiros.

A viagem foi para marcar o cruzamento da futura rodovia Cuiabá/Santarém. Pouco tempo depois, os tratores invadiram as terras dos índios Panará, ainda isolados, que nós chamávamos de Krenhacarore. Foi uma tragédia anunciada. Centenas de indígenas morreram de doenças levadas pelo invasor, e os que sobreviveram foram transferidos para o Parque Nacional do Xingu.

Além de Jaime Sautchuk, estava nessa viagem até o entroncamento a jornalista Memélia Moreira, colega de momentos marcantes como este. Estávamos juntas quando os índios sobreviventes chegaram à aldeia Kretire, em 1976, onde foram recebidos pelo líder Raoni. Uma cena de exílio dolorida.

Foi nessas andanças que conheci Jaiminho, viajando em Búfalos da FAB e desembarcando em locais que para o governo militar representavam marcos na conquista de novos espaços sob a bandeira: "Integrar para não entregar". Recém-chegado do Paraná, o jovem jornalista, com seu jeito sério, discreto e carinhoso, era ao mesmo tempo crítico e certeiro em suas observações.

Nos anos seguintes, mergulhou nesses temas, produzindo um material precioso a partir de seu testemunho. Acredito que Jaime também falaria, como todos nós, do privilégio que foi conviver com tanta gente que representou a resistência continuada a um modelo cruel de desenvolvimento: líderes indígenas, missionários, bispos, antropólogos, ambientalistas, populações tradicionais e segmentos da sociedade civil. Muitos morreram nesses embates.

Não conversava com Jaime já há um tempo. Imagino a sua tristeza diante de tantos retrocessos que estamos amargando. No começo do ano ele escreveu sobre a invasão da soja no Acre, destruindo o que ainda existe de florestas. Em outro artigo, mais antigo, um desabafo: *"Se Chico Mendes ainda estivesse entre nós, teria escapado da morte muitas vezes, mas por certo iria morrer agora, de desgosto, só de ver o que estão fazendo com a floresta que ele tanto defendeu".*

Eliana Lucena

O JAIME ANDA POR AÍ...

O Jaime anda por aí...

Preciso escrever um texto de 700 caracteres sobre o Jaime Sautchuk, que foi embora um dia desses. Mas quem disse que eu consigo emoldurar uma figura como o Jaime em 700 letras? Então, recorro a Eduardo Galeano e seu maravilhoso Palavras Andantes. Na página 60, Galeano conta:

Magda Lemonnier recorta palavras nos jornais, palavras de todos os tamanhos, e as guarda em caixas. Numa caixa vermelha guarda as palavras furiosas. Numa verde, as palavras amantes. Em caixa azul, as neutras. Numa caixa amarela, as tristes. E numa caixa transparente guarda as palavras que têm magia.

Às vezes, ela abre e vira as caixas sobre a mesa, para que as palavras se misturem do jeito que quiserem. Então, as palavras contam para Magda o que aconteceu e anunciam o que acontecerá.

Se eu tivesse as caixas da Magda e soltasse as palavras agora, as da caixa transparente diriam que o Alemão, ou Polaco, como o chamavam os mais íntimos, anda pra sempre por aí, nas matérias que escreveu, nos livros que publicou, onde há boa música caipira, gente preocupada com gente, ouvido limpo pra ouvir.

As palavras da caixa amarela não sairiam, Jaime não gosta de tristeza. Da caixa azul também não sairia nenhuma frase, que o Sautchuk tem lado. As palavras da caixa vermelha diriam o que aconteceu e o que acontecerá: Jaime foi ali, mas voltará sempre que houver luta por liberdade e ig ualdade.

Fernando Guedes

MEU QUERIDO AMIGO UCRANIANO

O filho de ucranianos nascido em Joaçaba (SC) era chamado por muitos amigos de "polaco". Creio que sua consciência anticapitalista foi forjada pela observação da perversa relação da empresa Sadia, na vizinha Concórdia, com os pequenos agricultores parceiros.

Nós nos conhecemos colaborando com os jornais *Opinião* e *Movimento*, mas ficamos muito companheiros como dupla repórter/ fotógrafo na revista Veja, fazendo matérias sobre conflitos agrários.

Em novembro de 1978, passamos quase um mês percorrendo as estradas operacionais abertas pelo exército para combater os guerrilheiros do PCdoB em busca de testemunhos e memórias, reportagem que viria a ser o embrião do seu livro *"Luta Armada do Brasil dos anos 60 e 70"*.

Outra vez no município de Marabá, cobrindo conflitos entre posseiros e grileiros, ficamos detidos durante um dia no meio do mato pela PM do Pará. Confundiram o Jaime com o líder dos posseiros, que atendia pelo apelido de Pedro Ventinha.

Salomon Cytrynowicz (Samuca)

A luta é pela
VIDA!

A luta é pela vida!

Neste quase um ano e meio de pandemia da covid-19, o Sinpro-DF, com a força da categoria do magistério público, lutou com firmeza contra os ataques à vida de toda a comunidade escolar.

Diante da insistência do GDF em retomar as aulas presenciais mesmo sem qualquer condição de segurança sanitária, garantimos o ensino remoto, a imunização de toda a categoria, o emprego de mais de nove mil professores e professoras em regime de contratação temporária e asseguramos uma série de condicionantes para mitigar o risco da reabertura das salas de aula. E a luta não parou!

Com a determinação do GDF de retorno presencial às atividades escolares, aprovamos em assembleia indicativo de greve e o Calendário de Alerta e Monitoramento para acompanhar de perto todas as condições para esta volta. E ao primeiro indício de descumprimento das ações que reduzem riscos para trabalhadores e trabalhadoras em Educação, mães, pais, responsáveis e estudantes, chamaremos imediatamente a paralisação todas das atividades. Afinal, a luta é pela vida!

E é também em defesa da vida que damos continuidade à campanha "Vacina para todos e todas!". A imunização completa da população contra a covid-19 é a única saída para conter a proliferação do vírus que, aliado à política de um governo genocida, já tirou a vida de mais de 555 milhões de brasileiros e brasileiras.

Vacina no braço,
Comida no prato,
Escola segura!
É isso que a gente quer,
Pois a luta é pela vida!

SINPRO DF
SINDICATO DOS PROFESSORES NO DISTRITO FEDERAL
Filiado CUT CNTE
42 anos CUT CNTE
Tito: um grande lutador da educação com coragem!

SALVE, JAIMINHO!

Realmente há pessoas que não morrem... Em cada planta do Cerrado vejo Jaiminho. Em cada estrela vejo Jaiminho. Caminhando aqui pela chácara, onde se hospedou para fazer acontecer – a fórceps – o primeiro FICA, o vejo em seu jeito todo seu.

Sem ele, o FICA não teria acontecido, sem Jaiminho a cidade de Goiás teria dado um vexame, pois não tinha uma estrutura suficientemente organizada para recepcionar, condignamente, tantas as pessoas de fora de nossos limites nacionais.

Jaiminho fez de tudo um pouco, homem de sete instrumentos, ajudado por Rodrigo Santana, Vilaboense total que pegou o jeito certo de fazer acontecer... custe o custar!

Essa criatura, esse pequeno grande homem, está impregnado em todos os outros seres dessa nossa terra que ele adotou como sua, cuidando dela com muito zelo. Exemplo disso é a Linda Serra dos Topázios, seu pequeno santuário Spinoziano.

Quanta dedicação, que sacrifícios estupendos, inclusive financeiros, mas que exemplo de vida! Quem privou de sua amizade, companhia, camaradagem, pode se ajoelhar e agradecer por ter tido essa honra.

Eu tive essa grande sorte e, nos sons do farfalhar das folhas ao vento seco dessa época do ano, aqui em Goiás, um forte e certeiro desejo invade toda a minha alma...

Muitos Jaiminhos irão nascer no coração da juventude brasileira, cerratense, para ir contra o que estamos vivendo nesse momento terrível da história do nosso país. Sim... para mim sei que a morte dele, nesse momento, foi um ato de subversão. Não sei explicar direito (talvez nem queira ou seja preciso) dentro de uma lógica cartesiana, tão visada por todos, mas que foi. Jaime sempre foi um revolucionário.

Lembro-me da viagem pra Salvador, de carro, Paulo Bertram e ele foram bateando cada pepita valiosa no meio do caminho, cidades pequeninas, lugares paradisíacos na Chapada Diamantina. 2001... certamente.

Lembro-me de uma feira de livros em Brasília... Jaiminho me telefonou, me intimando a estar lá com ele para recepcionar Vandana Shiva. Ele seria seu interlocutor e sua companhia naquele dia. Que oportunidade maravilhosa foi presenciar aquelas duas feras discutindo sobre os nossos problemas ambientais antes da fala dela para uma plateia enorme. Algo mais do que inesquecível!

Lembro-me, lembro-me, lembro-me... Eu poderia ficar escrevendo páginas e páginas, mas não é preciso. O legado de Jaime está vivo e será cada vez mais forte. Precisamos dele. Precisamos, a exemplo de sua memória, seremos guerreiros como ele.

Graça Fleury

VOA, JAIMINHO!

Já devíamos ter nos acostumado com partidas, tem sido fato corriqueiro nestes tempos pandêmicos. Poderíamos já ter aprendido que a morte é item primordial para a evolução dos seres. Que a vida é um nasce-morre-renasce infinito.

Poderíamos... deveríamos... mas como dói saber que o Jaime Sautchuk, o Jaiminho dos mais chegados, agarrou-se num rabo de cometa e voou, numa quarta-feira besta, 14 de julho, logo depois do almoço, em Brasília, vítima de uma parada cardíaca. Ele já andava com a saúde debilitada, não aguentou.

A Xapuri perde seu editor, nós... um amigo, o mundo... uma enciclopédia, uma biblioteca!

Era de uma educação, de uma calma, um sorriso sempre pronto para furtivamente escapar-lhe dos lábios, ainda que em situações tensas. Sempre que o via ou conversava com ele, tinha a nítida sensação de ternura que de meu pai emanava.

Um ser humano ímpar, de grandeza, sabedoria e conhecimentos imensuráveis e alma simples. À primeira vista, com seu chapeuzinho de lona clara e cabelos argênteos esvoaçantes brincando com a brisa, tinha-se a certeza de que era mesmo um cerratense, um caboclo aprumado, do centro de nosso Brasil, pronto para a missa domingueira ou o inconveniente passeio ao médico. Não fosse ninguém botar reparo na pele alvíssima já meio escurecida pelo sol avassalador do Centro Oeste brasileiro.

Encontrei-o de vez primeira numa reunião sobre o meio ambiente. E quando vi aquele ser humano que irradiava luz e sabedoria, imediatamente fiz a ligação: É o idealizador do FICA – Festival Internacional de Cinema e Vídeos Ambientais, realizado na Cidade de Goiás – Goiás. Sempre fui. Amo a cidade e assisti a shows fenomenais no Teatro São Joaquim ou na Praça do Coreto.

Era ele, e estava numa sala de uma casa antiga, discutindo com poucos formosenses sobre uma futura construção de uma fábrica de cimento e as "ré-beldes" árvores da Praça da Matriz.

Depois desse deslumbre, a hermana Zezé Weiss me coloca de carona e fomos papeando sobre a visita que faríamos ao mais ilustre cidadão de Cristalina – Goiás. Uma descida de morro e encontro a fazenda mais linda que já vi: a RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural) Linda Serra dos Topázios.

A casa feita em madeira, adornada por um colar imenso de cristais. Quando o dia amanhece, e o sol bate nas pedras, forma-se uma soleira de arco- íris, um radiante espetáculo. E livros, muitos, espalhados em inúmeras estantes. Sobre qualquer assunto, ele dizia: *"Espera um pouquinho"*. Corria o olhar vagueando e, certeiramente, como içado por flecha, trazia uma preciosidade sobre o tema. E indicava inúmeras leituras, entretanto adiantava: *"Não empresto, já perdi muitos livros raros. Os que podem ser doados, eu doo. Anota aí os dados"*.

E a vida me oportunizou trabalhar na Revista Xapuri, tendo o Jaime Sautchuk como Editor-Chefe, fazendo forte parceria com a Zezé Weiss. Foram bons pares de anos. Dava gosto pegar a edição mais nova e ler a matéria de capa, geralmente assinada por ele. Era mais uma aula em que se entrelaçavam teoria e a prática de quem realmente viveu o que escrevia.

Ele que gostava da astronomia agora virou pó de estrelas. Ficam nossa gratidão e saudade.

Voa, Jaiminho!

Iêda-Vilas Bôas

NOTA DE PESAR DO PCdoB

Com tristeza, recebemos, hoje, 14 de julho, a notícia do falecimento, em Brasília, de Jaime Sautchuk, jornalista de grande reputação profissional, escritor e ambientalista.

O Brasil perdeu uma notável inteligência, uma destacada personalidade progressista e um militante da causa socialista. Foi um dos pioneiros a publicar na imprensa brasileira textos sobre a Guerrilha do Araguaia.

Nos últimos anos foi articulista do Portal Vermelho. Expressamos nossas condolências aos seus familiares, amigos e amigas.

Jaime Sautchuk, com seu legado, presente, hoje e sempre.

Luciana Santos

DIÁRIO DE VIAGEM

A primeira coisa que li de Jaime Sautchuk foi sua reportagem sobre a Guerrilha do Araguaia. Me impactou, tanto pelo tema, quanto pela escrita. Daí em diante, foram muitos anos de amizade, principalmente durante a Constituinte. Ele era muito amigo do meu ex-marido, Calucho, pai do meu filho, e vivia lá em casa.

Depois, li seu livro sobre a Albânia. Um livro simples, fácil de ler, quase um Diário de Viagem. Também pude conviver com ele quando veio morar na Bahia, casado com sua segunda esposa, a Adnair, uma querida amiga e militante do PCdoB.

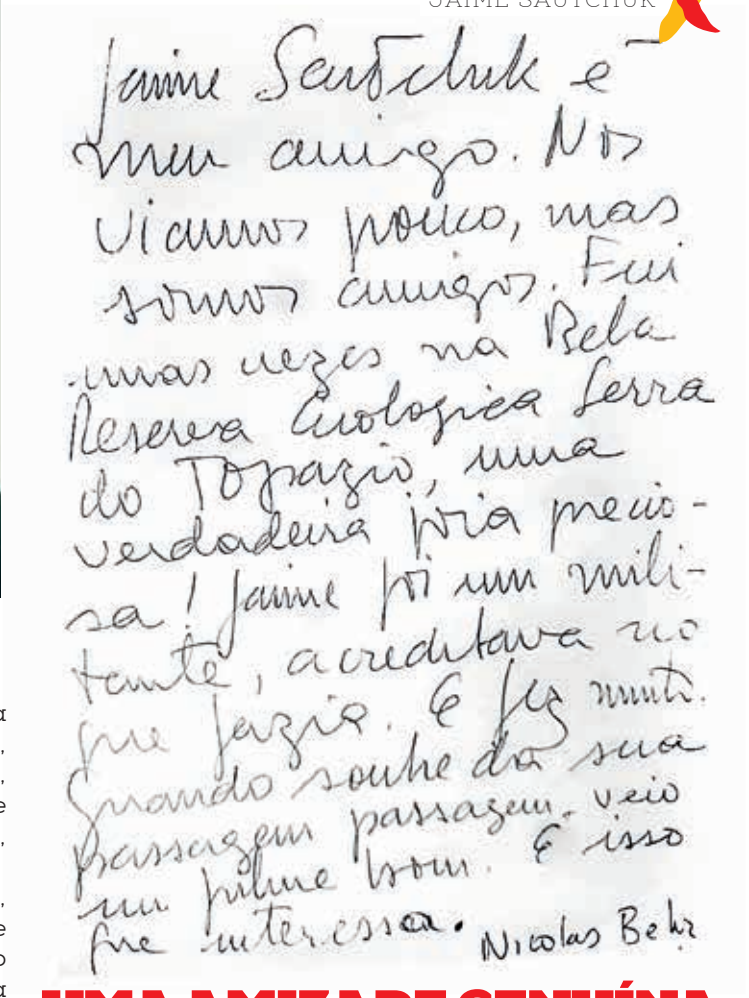
Nos encontramos diversas vezes aqui em Salvador, nas festas de largo, em algumas movimentações políticas, sempre inventando e criando uma coisa nova. Nessa época, ele já estava pensando, elaborando e realizando o Projeto que veio a implantar em Goiás – de uma reserva ecológica. Quando ele fundou sua produtora de TV e vídeo, a Câmera 4, fiz vários vídeos com ele.

Em 2006, quando voltei para o Congresso, como deputada federal, fui presidente da Comissão de Turismo e Esporte e contratei Jaime para trabalhar comigo, na área do esporte, e pude conhecer esse seu outro lado maravilhoso, que era sua profunda paixão pelo futebol. Ele escreveu um livro, também maravilhoso, sobre a História do Futebol.

Uma das grandes características de Jaime, como jornalista, era conseguir escrever sobre questões complexas de maneira muito simples. Da Guerrilha do Araguaia à História do Futebol, era igual. Fácil de ler, fácil de entender. Isso fazia dele um grande jornalista, talentoso, criativo, comprometido com as causas populares e respeitado por todos.

Foi um grande amigo. Jaime sempre foi um ponto de ligação entre nós. Entre toda uma turma que militou junto, que trabalhou junto, que lutou junto e que teve os mesmos sonhos de liberdade e de democracia que Jaime Sautchuk

Lídice da Mata



Jaime Sautchuk é meu amigo. Nos vimos pouco, mas somos amigos. Fui uma vez na Bela Reserva Ecológica Serra do Topazio, uma verdadeira joia preciosa! Jaime foi um militante, acreditava no que fazia. E fez muito. Quando soube da sua passagem passagem veio um filme bom. É isso que interessa. Nicolas Behr

UMA AMIZADE GENUÍNA

Quando me perguntaram sobre a principal ligação entre Jaime e eu, pensei logo na militância política. Mas foi um pensamento apressado. A afinidade ideológica foi apenas o alicerce da nossa principal ligação: a amizade.

Uma amizade genuína porque foi construída sobre a convergência de ideais. E, enfatizo, ideais dos mais elevados, projetados na dimensão nada modesta de toda a humanidade. Mas a amizade neste caso ganha da afinidade política pela sua durabilidade. Sim, uma amizade do tipo resistente, que permaneceu quando nossas militâncias se distanciaram.

É claro que eu poderia dizer, alternativamente, que maior de tudo era a minha admiração pela inteligência e pelo talento dele. E é verdade. Que me desculpem os outros amigos que aqui me ouvem, mas Jaime era campeão nesses quesitos. Mas aí vamos entrar numa lista interminável das qualidades que permanecerão vivas para sempre nas lembranças de todos que um dia cruzaram seu caminho e todos que no futuro tomarão conhecimento da sua obra imortal. Permaneceram intactos o diálogo honesto e a confiança mútua.

Pensando bem, o balanço que faço agora é que nunca divergimos no plano da ideologia, mas apenas na prática. É o que ficou. Descanse em paz, amigo.

Jorge Luiz de Souza

ELE, MANSINHO...

Escrevo estas linhas mergulhada em lágrimas de uma saudade profunda desse camarada maravilhoso que conheci nos anos 80, e com quem fiz muitas parcerias desde que ele era oficial de comunicação do Unicef e eu professora de Comunicação da UnB.

A parceria cinematográfica foi, contudo, a mais sensacional. Começamos com uma mostra itinerante chamada Vídeo Terra, sobre experiências sustentáveis de trabalho no mundo rural. Ali se delineou o embrião do Festival de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), de cuja fundação ele participou na cidade de Goiás.

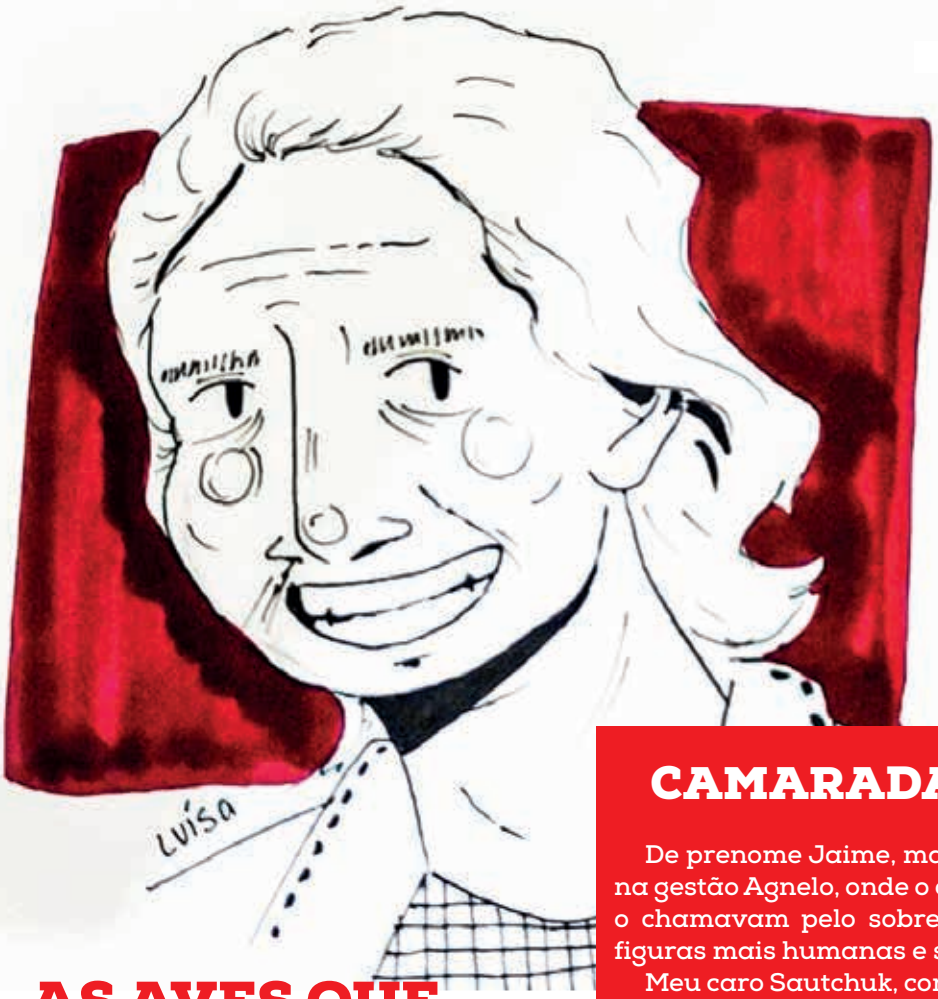
No começo de 1998, quando tudo parecia um sonho, organizamos um festival internacional em menos de três meses. O próprio Jaime registrou a experiência numa revista da Universidade Federal de Goiás, em junho de 2006: *"Um grande evento para o tombamento da cidade de Goiás, para o Estado de Goiás, para o Brasil e para o mundo todo. Foi uma das etapas mais bonitas da minha vida. Uma aventura maravilhosa".*

Em 2000 fomos convidados do governo de Cabo Verde para os II Encontros Internacionais de Cinema de Cabo Verde, que homenagearam a atriz brasileira Zezé Motta.

Dois anos depois, eu, o Jaime e o professor Armando Bulcão embarcamos em outra aventura cinematográfica, agora no Cine Dois Candangos da UnB, com a I Mostra de Cinema Negro, que homenageou o ator e diretor Zózimo Bulbul.

Perder um amigo de toda uma vida é como ficar órfã de momentos e histórias que sonhamos e construímos juntos. Que a luz do cinema conduza meu amigo-irmão para outras aventuras que em breve, ele, mansinho, me confidenciará.

Tânia Montoro



Desenho: Luisa Gonçalves Soares

AS AVES QUE AQUI GORJEIAM

Jaime Sautchuk foi uma das pessoas mais importantes na minha vida. Ele contribuiu para me moldar política e culturalmente. Nossa convivência, entremeada por filmes de Godard, Akira Kurosawa, e palestra do Eduardo Galeano em Londres, em meados da década de 1970, sedimentou nossa amizade.

Fui apresentada a ele por dois grandes amigos. O saudoso Jônio Freitas Mota e Etevaldo Dias. Gente taluda. Na ocasião fui para Londres com uma encomenda do Jônio que era levar a filha dele, Flávia, de 16 anos, para morar na casa do Jaime e da Vera. A encomenda do Etevaldo era mais peculiar e menos trabalhosa: entregar a ele um pequeno pássaro de barro com o recado "as aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá".

A partir de então foi uma longa amizade alternada pela militância política e cantorias de música caipira de raiz. Juntos fomos conhecer o famoso Poço Verde "da esperança" em Coromandel, minha cidade natal e do compositor Goiá, que ele amava. Valeu a pena meu amigo. Descansa em paz. Você merece. Amo você.

Valderez Caetano

CAMARADA SAUTCHUK

De prenome Jaime, mas, no Ministério do Esporte, na gestão Agnelo, onde o conheci mais de perto, todos o chamavam pelo sobrenome, Sautchuk. Uma das figuras mais humanas e solidárias que conheci.

Meu caro Sautchuk, com o fim da gestão Agnelo, no Ministério do Esporte, poucas vezes nos falamos. A não ser pelas páginas da Xapuri, sua genial criação de luta, onde você reuniu tanta gente, a fim de ajudar a fechar a porteira para impedir a entrada desenfreada da boiada destruidora pertencente ao governo genocida de Bolsonaro e de seus asseclas. Ou, ainda, virtualmente, pelas redes sociais.

Neste momento, no mundo encantado onde você está, o seu espírito irrequieto e agregador por inteiro já deve estar procurando formas de fazer o que sempre fez durante toda a sua jornada terrena: ser jornalista, escritor e lutador incansável pelas causas sociais e ambientais e de defesa dos povos originários, da democracia e dos direitos humanos.

Aqui na Terra, meu companheiro, vamos levando a vida. Agora mais monótona e sem o brilho da sua presença física. Como diz o Chico: um dia chove, outro dia bate sol. Tentaremos não deixar a peteca cair.

Vamos continuar o seu legado de lutas. Neste momento obscuro, de incertezas, sentiremos a sua falta. Procuraremos nos espelhar no que você representou e nos guiar pelo seu espírito que, por certo, estará de guarda permanente na Linda Serra dos Topázios.

Camarada Sautchuk, Presente!

Trajano Jardim

"ALEMÃO", MEU CAMARADA!

Conheci o Jaime Sautchuk em 1977, logo depois que cheguei a Brasília, transferido de São Paulo. Em novembro de 77 fui para a sucursal da revista Veja, onde ele já estava, e a partir daí estreitamos nossa amizade e nosso companheirismo, formando uma dupla inseparável.

Juntos reorganizamos o PCdoB em Brasília, participamos da sua Direção Regional e organizamos uma atuante base de jornalistas.

Militamos no movimento sindical e no PMDB. Dirigimos e coordenamos as campanhas de Tolentino e de Aldo Arantes, para deputado federal, pelo DF e por Goiás, no Entorno do DF, especialmente em Planaltina de Goiás, conhecida como Brasilinha, para onde íamos quase todos os fins de semana. Participamos das campanhas pelas Diretas Já e pela Anistia. E da assessoria à bancada do PCdoB na Assembleia Nacional Constituinte, em 1987/1988.

Mas nossa relação não era só política. Fui um frequentador assíduo da sua casa no Lago Norte, onde entre conversas políticas, regadas sempre a uma boa cachacinha, abríamos espaço para cantorias de clássicos da música caipira, a quem Jaime me apresentou, e para conversas sobre futebol e o Corinthians, uma das nossas paixões.

Quando fui candidato a deputado federal, em 1990, Jaime abriu as portas da Câmera 4, sua produtora de vídeo, para fazer meu programa de propaganda eleitoral na TV, e depois para que eu ali realizasse o documentário sobre *Rio Maria – A Terra da Morte Anunciada,* denunciando o assassinato de vários líderes rurais daquela cidade do sul do Pará, pelos pistoleiros do latifúndio.

Foi Jaime que me apresentou o *raki,* um destilado de uva albanês, que trouxe na mala de uma de suas viagens à Albânia, junto com um azeite de oliva não refinado.

Sem falar nos finais de semana no Clube da Imprensa, onde vi seus filhos Carlinhos, Joãozinho e Rosinha crescerem, e nos desfiles do Pacotão.

Durante muitos anos, essa dobradinha se manteve, o que me faz pensar que eu e Jaime, embora com estilos e personalidades diferentes, éramos, de certa maneira, a mesma pessoa. Pensávamos igual, agíamos igual, e tínhamos os mesmos interesses e gostos.

Entre eles, a paixão pelo Corinthians.

Por isso, mesmo estando sem nos ver e nos falar há muitos anos, por termos seguido rumos diferentes nessa fase do outono de nossas vidas, Jaime levou consigo um pedaço de mim.

Siga em paz, "Alemão", meu camarada. Eu continuo por aqui, lutando as nossas lutas e sonhando os nossos sonhos.

Moacyr de Oliveira Filho (Moa)

DESPEDIDA FINAL

São muitas as lembranças. Nas lutas pela retomada do Sindicato dos Jornalistas, do Clube de Imprensa, do Movimento de Defesa da Amazônia, pela Constituinte (ampla, geral e irrestrita), por Diretas Já, por eleições em Brasília, na campanha do Aldo Arantes (em 1982), na campanha em que fui candidato a deputado federal (por que não?).

E também seus vários livros, as diversas redações em que brilhou, até, finalmente, a Xapuri, a reserva ambiental Linda Serra dos Topázios, que criou em Cristalina, para se recolher nos anos mais recentes, como que deixando entender que "não adianta viver na cidade".

A despedida de tantos amigos queridos havia sido no Campo da Esperança. Ali se encontraram dezenas de colegas do primeiro time do jornalismo brasileiro, não poucos camaradas do PCdoB e companheiros da esquerda em geral. Encontraram-se, falaram das inesquecíveis experiências com Jaime Sautchuk. E dos "causos".

Muitos choraram e abraçaram-se, talvez pouco lembrando da pandemia, talvez muito confiados nas vacinas. Afinal, valia a pena se abraçarem. A lembrança comum de Jaime justificava.

Por isso, foi a chance de se marcarem novos encontros, inclusive com os que não puderam comparecer e não se justificavam. Como a velha base dos jornalistas do PCdoB, com a declarada intenção de reunirem-se para reafirmar a presença de Jaime.

Uns poucos insistiram em levar Jaime à despedida final, no crematório de Valparaíso de Goiás, na manhã de sexta-feira, 17 de julho. Sua família e amigos que não conseguiram se afastar até o último momento.

"De que me adianta viver na cidade,
Se a felicidade não me acompanhar".

A pedido da filha Rosa, o meu celular entoou pianíssimo a canção preferida do Jaime, "Saudade de Minha Terra", a composição de Belmonte e Goiá, imortalizada na voz de Goiá.

Fernando Tolentino

O Jaime disse um dia: *"Se tem alguém pra homenagear, esse alguém tem que ser a Dina. Ela está em tudo que existe nessa Reserva".* Adinair França partiu antes, em 27/11/2007. Os dois agora voltam a adubar, juntos, a mágica natureza da RPNN Linda Serra dos Topázios.

A REFORMA ADMINISTRATIVA VAI MEXER NO SEU BOLSO!

Se a Reforma Administrativa do governo Jair Bolsonaro (PEC 32/2020) for aprovada, a população terá que pagar para obter educação e serviços públicos fundamentais, hoje oferecidos gratuitamente. Além disso, os atuais servidores terão seus rendimentos afetados com a proibição de férias em período superior a trinta dias pelo período de um ano, ausência de licença-prêmio e aposentadoria reduzida, já que os novos servidores serão contratados em outro regime de previdência.

Acesse o site
contrapec32.com.br
e participe das mobilizações para barrar essa reforma nefasta para o país!

DIGA NÃO À REFORMA ADMINISTRATIVA

CNTE® Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br

Filiada à CUT BRASIL

Internacional da Educação

CEA

FNPE Fórum Nacional Popular de Educação

Brasil

DE QUÊ VIVER?

A cirrose mata o bêbado
Overdose, o tri-legal
Aids, o do risco
Stress, o jornalista
Sol, o camponês
Trabalho, o operário
Fome, o miserável
Mar, o pescador
Coragem, o revolucionário
Tiro, o menino de rua
Tensão, o piloto
Tesão, a prostituta
Paixão, eu e alguns amores
Que, bem ou mal, serão louvados

E os burocratas, de quê morrem?
De tédio, os desgraçados!

(JAIME SAUTCHUK)

Jaime Sautchuk

10.09.1953 – 14.07.2021